

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS / INGLÊS**

ROSANGELA GARCIA DA SILVA

**UM ESTUDO SOBRE A SUBJETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2015

ROSANGELA GARCIA DA SILVA

**UM ESTUDO SOBRE A SUBJETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português – Inglês do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo.

CURITIBA

2015



TERMO DE APROVAÇÃO

UM ESTUDO SOBRE A SUBJETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

por

ROSANGELA GARCIA DA SILVA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 12 de fevereiro de 2015, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. Dr^a Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo
Prof^a Orientadora

Prof. Dr. Marcus Vinícios Santos Kucharski
Membro titular

Prof^a. Dr^a Flávia Dias de Souza
Membro titular

Para minha família, que sempre me inspira.

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos à Prof^a. Dr^a Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo, pelo zelo com que conduz os alunos que orienta. Agradeço também pelas aulas na disciplina de Tecnologia & Educação. Após a minha participação em diversos cursos de EAD, nessas aulas com a Professora, pude observar que a mediação pedagógica mais aprofundada nos ambientes virtuais, é muito viável; e como essa abordagem representa um diferencial significativo. Foi um privilégio ter desenvolvido uma monografia de conclusão de curso sob a sua orientação.

Agradeço também aos mestres da UTFPR, por terem sido sempre tão surpreendentes ao longo do curso; e em especial, eu gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci, pelo equilíbrio com que conduziu a disciplina de TCC2. Como exemplo, efetuei uma importante alteração há certa altura do trabalho. Esse fato foi acomodado com ponderação e tranquilidade.

Eis a “dupla potência da subjetividade: crer e inventar; presumir os poderes secretos, supor poderes abstratos, distintos.”
(DELEUZE, 2001, p. 77)

RESUMO

SILVA, Rosangela Garcia da. **Um Estudo sobre a Subjetividade na Educação a Distância**. 2015. 62 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português – Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

Este estudo tem como foco a subjetividade na educação a distância (EAD). O questionamento norteador desta pesquisa consiste em como estão caracterizadas as possibilidades de realização subjetiva na educação mediada pelas tecnologias digitais, em documentos que discutem a EAD. Considerando a importância da subjetividade nos processos da EAD, dado o seu potencial prospectivo frente às novas demandas da sociedade contemporânea, os objetivos desta pesquisa são: caracterizar a subjetividade em textos científicos que discutem a EAD; e identificar processos, recursos midiáticos, tecnológicos e pedagógicos nos meios digitais, favorecedores da emergência dessa subjetividade e de sua expressão nesse contexto de mediação tecnológica. A educação a distância constitui uma modalidade necessária para ampliar o acesso à educação formal em larga escala. No entanto, persistem os questionamentos sobre o relacionamento entre as pessoas na EAD, mediado pelas tecnologias; e em consequência, algumas questões concernentes à gestão de ambientes virtuais carecem de debate e superação para a oferta da educação mediada pelas tecnologias que atinja seus objetivos. Nesse contexto, a subjetividade representa um elemento peculiar, em especial no ensino de Humanidades. A pesquisa tem caráter exploratório. A coleta de dados se realiza em textos científicos produzidos sobre a EAD nos últimos cinco anos - artigos, dissertações e teses. O estudo constata, entre outros aspectos, que oportunizar elaboração e realização subjetiva na EAD depende de um conjunto de fatores, interdependentes entre si; verifica que a alteridade nos relacionamentos intersubjetivos, incide na produção subjetiva; que a dialogicidade implicada nas comunicações interpessoais e nos recursos didáticos da EAD se apresentam relevantes para a emergência subjetiva. Esperamos que as inferências realizadas possam contribuir para o avanço nos entendimentos para o tratamento da subjetividade nos processos de ensino e de aprendizagem na EAD.

Palavras-chave: Educação a Distância. Subjetividade. Intersubjetividade. Dialogicidade. Tecnologias Digitais.

ABSTRACT

SILVA, Rosangela Garcia da. **A Study on the Subjectivity in Distance Education**. 2015. 62 pages. End of Course Paper (Degree in Modern Languages and Literature, Portuguese and English) - Federal University of Technology - Paraná - UTFPR. Curitiba, 2015.

This study focuses on the subjectivity in Distance Education - DE. The guiding question of this research consists of how possibilities of subjective achievement in education mediated by digital technologies are characterized, in scientific papers that discuss the DE. Considering the importance of subjectivity in DE processes, given its prospective potential due to the new demands of the contemporary society, this research aims to characterize the subjectivity in scientific papers which discuss the DE; and identify processes, media, technological and educational resources in digital environment, favouring the emergence of subjectivity and its expression in the context of technological mediation. Distance Education constitutes the means to expand access to formal education on a large scale. However, questions concerning the relationship between people in DE mediated by technology remain. As a result, some issues regarding the management of virtual environment require debate and overcoming, for providing excellence in education mediated by technology. In this regard, subjectivity represents a peculiar element, especially in the Humanities field. This research is exploratory. Data collection includes scientific papers produced on the DE in the last five years - articles, dissertations and theses. The study finds that creating opportunities for subjectivity in DE depends on an interdependent number of factors; finds that otherness in intersubjective relationships, impacts in the subjective production; that the dialogicity involved in interpersonal communications and in teaching resources of DE are relevant to the emergence of subjectivity. It is expected that the inferences made can contribute to advancement in the understanding of subjectivity in the processes of teaching and learning in distance education.

Keywords: Distance Education. Subjectivity. Intersubjectivity. Dialogicity. Digital Technologies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Doze Formas de Subjetividades da Primeira Pessoa.....	20
Quadro 2 - Pautas Encontradas nos Textos Analisados	21

LISTA DE SIGLAS

ABED	– Associação Brasileira de Educação a Distância
AVA	– Ambiente virtual de aprendizagem
Capes	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DE	– <i>Distance Education</i>
EAD	– Educação a Distância
ME	– Ministério da Educação
NMC	– <i>The New Media Consortium</i>
SEED	– Secretaria do Estado da Educação
TD	– Tecnologias digitais
TIC	– Tecnologia da Informação e da Comunicação
UAB	– Universidade Aberta do Brasil
UFBA	– Universidade Federal da Bahia
UTFPR	– Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. SUBJETIVIDADE, INTERSUBJETIVIDADE, DIALOGICIDADE E EAD	13
2.1 SUBJETIVIDADE	13
2.2 INTERSUBJETIVIDADE	23
2.3 DIALOGICIDADE E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	25
3. A SUBJETIVIDADE EM TEXTOS CIENTÍFICOS SOBRE A EAD	30
3.1 PREPARANDO O CAMINHO	30
3.2 SUBJETIVIDADE E DIALOGICIDADE	31
3.3 SUBJETIVIDADE E TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EAD	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

As tecnologias lideram profunda transformação na organização social e impõem novas demandas para as sociedades contemporâneas. Espaços são redesenhados, tempos e recursos otimizados. Diante dessa nova configuração social, a expansão da EAD consiste em uma possibilidade importante para a disponibilização da educação formal com alcance e melhores custos. Com efeito, a demanda pela aprendizagem virtual tem aumentado de maneira expressiva.

No Brasil, muitos cursos de graduação e de pós-graduação hoje são entregues *online*. As TIC ampliam as possibilidades da EAD, imprimindo uma tendência de aumento da aplicação da modalidade da EAD num futuro próximo.

Esse movimento de migração da práxis educativa para ambientes *online* impõe desafios de se transpor relações estritamente humanas para mediação por artefatos tecnológicos em ambientes virtuais. Dessa maneira, o entendimento da subjetividade nos ambientes eletrônicos para o aprimoramento dos processos da EAD é pertinente.

A modalidade da EAD constitui uma alternativa diante de particularidades individuais como ritmo, mobilidade, disponibilidade temporal e espacial remota, multiplicidade intelectual e cognitiva, barreiras sociais; bem como pode, de maneira singular, facilitar a superação de algumas questões do quadro educacional brasileiro. No entanto, questões concernentes à gestão de ambientes virtuais carecem de debate e superação para a oferta da EAD com excelência. Nesse contexto, a subjetividade representa um elemento peculiar.

Este estudo lança vistas à caracterização da subjetividade na EAD, por meio de uma pesquisa de caráter exploratório. A questão que fundamenta esta investigação: Como estão caracterizadas as possibilidades de realização subjetiva na educação mediada pelas tecnologias digitais, em textos científicos que discutem a EAD?

Considerando a importância da subjetividade nos processos da EAD, dado o seu potencial prospectivo frente às novas demandas da sociedade contemporânea, os objetivos desta pesquisa são: i) identificar como a subjetividade é tratada nos textos que discutem a EAD e ii) identificar processos, recursos midiáticos, tecnológicos e pedagógicos nos meios digitais, favorecedores da emergência da subjetividade e de sua expressão nesse contexto de mediação tecnológica.

Há diversas aplicações para a modalidade da EAD. Poderíamos citar como exemplo a ampliação da oferta dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* brasileiros. O país conta com um *déficit* nesse sentido. Para a UNESCO “a economia brasileira está sofrendo cada vez mais com a escassez de pessoas com Ph.D¹.” (UNESCO, 2010, p. 22, *apud* SILVA, 2014b). A EAD pode ser uma alternativa, pois diversas instituições em outros países vêm promovendo com excelência para essa demanda (SILVA, 2014a).

Outra aplicação da EAD é a adoção parcial da modalidade virtual, na modalidade presencial, o que permitiria a ampliação da sua oferta. Quanto a esse aspecto, Tori salienta que na atualidade, observamos uma integração da educação eletrônica virtual com a presencial. Os recursos tecnológicos e multimidiáticos da EAD podem promover a redução da distância, dando suporte à modalidade de educação presencial, que deve se beneficiar desses recursos enriquecedores. Essa combinação consiste “o modelo que deve pautar a educação do futuro” (TORI, 2010, p. 27-29).

No ano de 2012, a ABED cita que foram criadas 6.500 disciplinas na EAD em cursos presenciais autorizados, a maioria delas em cursos de graduação. Ainda, conforme a ABED, esses “números incentivam uma reflexão sobre o papel da modalidade EAD nos cursos presenciais” (ABED, 2013, *apud* SILVA, 2014b); ademais, a modalidade virtual também oportuniza a formação continuada; e, devemos considerar a sustentabilidade nos empreendimentos na área da educação. Segundo a ONU, o conceito de desenvolvimento sustentável contempla os pilares ambiental, social e econômico (ONU, 2012). Nesses termos, consideramos a EAD um empreendimento sustentável, uma vez que amplia o alcance social; reduz custos – porque otimiza recursos; reduz impactos ambientais, pois diminui sensivelmente a demanda logística.

No entanto, a transposição das possibilidades de realizações subjetivas para a virtualidade nos ambientes eletrônicos e questionamentos concernentes às possibilidades e à produção subjetiva e aos relacionamentos intersubjetivos mediados pelas tecnologias na EAD persistem; e em consequência, a gestão de ambientes virtuais carece de debate e superação nesse sentido, para a oferta da educação mediada pelas tecnologias com excelência. Nesse contexto, a subjetividade abre um espectro de possibilidades humanas nessa projeção para a educação virtualizada. Possibilidades essas, que se constituem da expressão subjetiva da verdade individual; em número ilimitado, pois cada indivíduo está sob a égide de uma

¹ PhD - a maior qualificação universitária (*Cambridge Dictionary Online*). No Brasil, essa titulação corresponderia à qualificação de Doutorado.

historicidade de experiências única. Disso resulta que os indivíduos sejam essencialmente, diferentes.

Antes do início desse trabalho, em pesquisa conduzida no *website* dos periódicos acadêmicos e científicos da Capes, não localizamos eventos que abordem a caracterização da subjetividade nos textos científicos que discutem a EAD. O presente trabalho busca compreender como a subjetividade está caracterizada nos textos científicos que discutem a EAD. Essa modalidade é cada vez mais disponibilizada em larga escala, no entanto, depende de aprimoramento de alguns de seus processos. Esperamos que as constatações possam contribuir para o avanço nos entendimentos para o tratamento da subjetividade nos processos de ensino e aprendizagem na EAD.

Este trabalho apresenta esta introdução; o segundo capítulo discute noções de subjetividade, intersubjetividade e dialogicidade no contexto da educação mediada pelas tecnologias; o terceiro traz os procedimentos metodológicos adotados; apresenta e discute dados que julgamos relevantes nos textos científicos consultados; no quarto capítulo elaboramos as considerações finais, em que se apresentam as constatações, perspectivas e sugestões de novas pesquisas.

Na sequência, discorreremos sobre conceitos e noções importantes para o trabalho.

2. SUBJETIVIDADE, INTERSUBJETIVIDADE, DIALOGICIDADE E EAD

A subjetividade, a intersubjetividade e a dialogicidade são elementos que se acham relacionados na EAD. Em função da natureza dessa modalidade de educação, a comunicação bidirecional é essencial para a promoção de relações intersubjetivas, com implicações importantes para a elaboração subjetiva. No item subsequente, apresentamos a noção de subjetividade individual utilizada na pesquisa.

2.1 SUBJETIVIDADE

A subjetividade é representada por um modo individual peculiar, criativo de olhar a realidade externa, independentemente do modo como ela se apresenta; é uma expressão alinhada à verdade individual, com a ressignificação e com a impressão das marcas pessoais. Utilizamos para o trabalho, a noção de subjetividade em González Rey (1998; 2012), que ressalta a multidimensionalidade da constituição subjetiva individual cuja expressão constitui o tecido social e é constituída por ele. Sua abordagem requer, por conseguinte, um olhar interdisciplinar:

O subjetivo não é aquilo que não é, ou o que dificulta o conhecimento do que ele realmente é. Mas representa o que é de outra maneira, que é composto de processos e de formas essencialmente diferentes [...] A subjetividade representa um modo de ser incorporada em diferentes níveis e requer uma multiplicidade de formas de construção teórica em diferentes ciências particulares, uma vez que representa um aspecto essencial na constituição do social, não apenas do psíquico [...] requerendo o estudo interdisciplinar. (GONZÁLEZ REY, 1998, p. 6)

A configuração subjetiva implica uma produção decorrente de uma multiplicidade de origens, não passível de ser apreendida: “um espaço simbólico que têm entradas em sua organização subjetiva por vias diferentes. [...] O sujeito em sua atividade consciente, intencional, se expressa como um mundo organizado do nível subjetivo do qual nunca se apropria completamente.” (GONZÁLEZ REY; DÍAZ GÓMEZ, 2005, p. 375).

Em obra anterior desse autor, a subjetividade humana se apresenta como uma organização partícipe de cada momento da busca ativa de sentidos; é um processo em

permanente desenvolvimento. As dimensões reflexiva e interativa, e a historicidade do indivíduo constituem elementos que, aliados à situação que se apresenta, se esforçam para produzir uma resposta para a questão colocada (GONZÁLEZ REY, 1998, p.7, 8). Diz o autor: “O sujeito em sua dimensão reflexiva, experiencial e interativa é parte de seu próprio desenvolvimento, cujas forças não são externas a ele, mas constitutivas do seu presente.” Assim, o indivíduo transcende o contexto social, gerando realidades individuais. O simbólico ao se integrar ao emocional, gera subjetividades, rompendo a prevalência externa que preme a interna.

O social não é externo ao ser humano, o caráter simbólico dos processos sociais nas condições da cultura representou um momento novo e diferenciado no funcionamento psíquico humano, que permitiu que a psique humana transcendesse aos sinais do ambiente e se tornasse um sistema gerador das próprias realidades em que ela se configura e desenvolve. Nesse processo emergiu uma nova qualidade exclusiva dos processos humanos na qual o simbólico se integra com o emocional num processo que compreende toda experiência humana como um ‘sentir’ Produzido a partir do qual se rompe radicalmente o determinismo do externo sobre o interno. (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 170)

O autor salienta que, historicamente, durante a repressão stalinista, sucedida pelas representações do materialismo marxista e pela objetividade, a riqueza dialética² das discussões foi perdida. Discussões aprofundadas com a problematização das questões passaram a ser menos importantes do que a produção material, frente aos ditames cientificistas, mecanicistas e deterministas da objetividade do movimento capitalista. Nessa mesma fase, emergiam alertas de que o social deveria também ser entendido como fenômeno emergido na consciência individual. González Rey lembra que a questão da subjetividade não teve espaço nessa época, tendo sido subvalorizada por longa data. (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 177 - 178)

A questão da subjetividade ganha destaque indireto com o construcionismo social³, uma vez que o movimento tira o foco da objetividade como realidade única. Para o autor, a dimensão simbólica não se achava contemplada antes desse momento, logo, sob essa perspectiva, a cultura também não poderia existir, pois havia a desconsideração do fato de que a realidade é construída. Ainda, segundo o mesmo autor, nesse momento houve o

² Dialética – arte da investigação ou discussão sobre a veracidade das opiniões; inquérito sobre contradições e soluções metafísicas; existência ou oposição de forças sociais, conceitos, etc. (*Oxford Online Dictionaries*)

³ No construcionismo social “todo fenômeno é reduzido às relações e ao contexto” (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 180). Seja, o conjunto de representações, símbolos e significados, é uma construção social.

“reconhecimento da natureza simbólica das práticas humanas, do psiquismo humano e da realidade cultural, de fato as relativiza enquanto processos que se definem histórica e culturalmente” (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 179). Essa consideração da dimensão simbólica, em meados da década de 1980 teve papel relevante, pois, os símbolos “modelam o mundo como campo das práticas do homem social. Este mundo modelado é o mundo da cultura.” e “Os sentidos subjetivos representam a unidade inseparável do simbólico e o emocional, onde a emergência desses processos implica ao outro formando uma unidade qualitativa que qualifica toda experiência humana a nível subjetivo.” (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 179-180).

A historicidade se acha impressa nas manifestações subjetivas, uma vez que o indivíduo é resultante de uma construção histórica, refletindo experiências e encontros ao longo da existência; nesse sentido, os desdobramentos simbólicos são imperceptíveis e o passado se manifesta como presente. (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 180).

Outro importante aspecto da subjetividade, como discute González Rey, seria o papel do *mal-estar*⁴ frente à emergência da produção subjetiva:

Essas hipóteses sobre a configuração subjetiva envolvida no mal-estar da pessoa permitem estabelecer diferentes conjecturas sobre a vida dela e sobre os seus sistemas atuais de relacionamentos. Estamos cientes de que esse saber é apenas uma opção da inteligibilidade, como todo saber, e que não leva a uma ‘solução’ do problema, porém é parte de um processo que tem como objetivo uma produção subjetiva alternativa nessa pessoa que lhe permita se posicionar e a partir daí gerar novos sentidos subjetivos que podem representar opções para novas configurações subjetivas, diferentes daquela que lhe está gerando sofrimento (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 181)

Como infere González Rey, o *mal-estar* parece ter envolvimento eminente no processo para a emergência de configurações subjetivas vivas (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 181). Corroboramos com o autor, pois ao indivíduo é imposta uma situação, para a qual conhece resposta que lhe seja mais interessante. Refuta a proposição, e produz então, um pensamento diverso. Observemos que nesse ponto, a contradição tem papel crucial para a manifestação subjetiva. Em função dessa disparidade cultural, intelectual ou linguística, o interior e o exterior nunca estarão *no mesmo passo e na mesma página*, dado que, entre outros

⁴ Mal-estar – Tavares analisa a convergência entre as obras de Sigmund Freud e Vilém Flusser quanto à superação do *mal-estar* frente ao descompasso e distâncias culturais, linguísticas e intelectuais entre o indivíduo e o social (FREUD; FLUSSER *apud* TAVARES, 2014). Entendemos que é exatamente a esse *mal-estar* entre individual e universal; entre natureza do ser e ser político; entre interno e externo; seja, ao descompasso quanto aos aspectos citados por Tavares, entre indivíduo e contexto social, que se refere González Rey.

aspectos, encontram-se sob distintas historicidades. Há um descompasso nas fronteiras entre o interno e o externo, podendo emergir o *mal-estar* a que se refere González Rey.

Por vezes, esse *mal-estar* não é re-elaborado. Isso ocorre quando a asserção não foi desenvolvida, ou se um alcance díspar para compreensão é encontrado, sem esforço nessa direção. Entendemos que esse se trata de um processo natural, pois há uma demanda de esforço para compreensão. Além disso, é preciso o interesse pelo diverso⁵. Entendemos que a presença do diverso representa uma oportunidade de análise de outras formas de ser, de pensar e de estar, para avaliar como diferem e em que são melhores ou não, perante a forma que adotamos. Dessa análise resulta que podemos ratificar nossas posições, ou validar outras. O diverso, se assimilado com criticidade, representa riqueza e oportunidade preciosa para reelaboração. Contudo, essa assimilação demanda trabalho para entendimento do que não compreendemos. Eis que a tradição é mais confortável. Por essa razão é uma tendência natural. Sem o interesse pelo diverso, a refutação é perpetuada, haja vista a consideração por uma única forma de pensamento, pois a tradição é mais confortável. Acreditamos que, por essa razão, a diversidade é assunto tão debatido na contemporaneidade. Destacamos que a intensidade do *mal-estar* frente à diversidade intelectual e cultural é preciosa para o campo da subjetividade e tem papel *sui generis* na reelaboração subjetiva para a expressão alinhada à verdade individual.

No tocante à EAD, percebemos a importância da vitalidade interativa entre mediador e aprendiz nas relações intersubjetivas, com pauta no interesse genuíno pela riqueza do diverso, seja imprescindível. É preciso espaço para essa expressão, e que as possibilidades de realizações subjetivas sejam extensivas para diversos ambientes e recursos didáticos. Em suma, é crucial entender esses relacionamentos implicados na questão subjetiva, para a EAD.

Na arte, frequentemente observamos artistas atribuírem a esse aspecto do *mal-estar*; e por conseguinte ao sofrimento e à dor, a qualidade da arte produzida. Em Baudelaire (1821 – 1867), a vibrante e saborosa dor é inseparável ao artista. Como exemplo, os poemas baudelairianos *Alchimie de la Douleur*, *Recueillement*, *Bénédiction*, *Le Rêve d'un Curieux*, trazem ideias sobre a nobreza única da dor, que inspira e embriaga; faz a arte intensa. Para o poeta, a intensidade da dor é sinônimo de intensidade de qualidade na arte.

⁵ Diverso – diferente; muito diferente; composto por uma variedade de distintos elementos e qualidades (*Cambridge Dictionaries online; Merriam-Webster Dictionary; Oxford Online Dictionaries*).

Ainda sobre o âmbito subjetivo social-universal, González Rey enfatiza a presença de um sistema processual mais amplo, envolvendo diferentes formas de subjetivação⁶, na questão concernente à subjetividade humana:

o posicionamento desde a perspectiva teórica da subjetividade, que defendo, enfatiza a presença de um sistema diverso, em processo, que se organiza em diferentes formas sociais de subjetivação que mantém um relacionamento recursivo entre si, se configurando umas nas outras de formas singulares nos distintos cenários e práticas sociais, o que tenho definido como subjetividade social [...]. Essa subjetividade social está definida por configurações subjetivas que emergem. (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 181)

Nesse âmbito universal, subjetividades individuais nutrem e são nutridas pelas subjetividades sociais – e suas manifestações, em um processo contínuo. Para González, os “espaços sociais se configuram e reconfiguram de forma permanente e por diferentes vias, sendo uma delas as próprias configurações subjetivas das pessoas que compartilham práticas sociais em seu interior.” (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 182). O autor afirma que, por vezes, há a imposição do externo sobre o interno; seja, do social sobre o individual, reduzindo a expressão subjetiva a se manifestar psiquicamente, de modo indireto, através de sonhos e fantasias:

essa imaginação radical, subjetiva da pessoa mantém formas de subversão frente a essa própria dominação instituída. Essa tensão permanente entre o indivíduo e os processos institucionalizados de sua vida social é a que apresentamos em nosso trabalho como a relação entre a subjetividade social e individual, onde uma nunca é externa a outra, emergindo de múltiplas maneiras, uma constituinte da outra, processo que acontece de forma singular tanto nos espaços sociais afetados por essas dinâmicas como nas pessoas que compartilham suas práticas no interior desses espaços. (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 182)

Frente à insistente tentativa de imposição hegemônica externa, com subjetivação para sujeição e alienação, fazendo o sujeito a serviço de outrem, temos na realização subjetiva individual, a possibilidade do pensamento diverso. Esse processo não é unicamente cognitivo, tem também influência subconsciente, quando subverte o domínio externo e se realiza psiquicamente, em sonhos e fantasias. Em González Rey, a subjetividade individual representa uma expressão que inspira outras configurações na subjetividade social. (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 183). Complementa o autor que, o social se organiza em

⁶ Subjetivação – Ato ou efeito de subjetivar (Tornar subjetivo). (Michaelis Dicionário *online*)

sistemas e subsistemas, onde a realização subjetiva individual é fonte de renovação subjetiva na esfera social:

o social se organiza nos sistemas de práticas humanas que o perpetuam e desde as quais se desenvolve como um sistema de complexas configurações subjetivas em processo onde suas diferentes formas de organização, de relações e de práticas aparecem através dos sentidos subjetivos das configurações subjetivas macro e micro sociais das diferentes formas de organização sociais que formam esse sistema, assim como das pessoas que são parte desses espaços sociais.

Como se observa no relacionamento recursivo entre interior e exterior apontado em Gonzalez Rey, a subjetividade é regida por paradigmas do pensamento sistêmico, seja, o mundo interior afeta e é afetado pelo mundo exterior; onde essa recursividade se dá via relacionamentos entre o elemento interno e o externo. Para o autor, os níveis individual e social são constituintes, um de outro, e profundamente conexos. No entanto, suas manifestações se dão como sistemas independentes. (GONZÁLEZ REY, 1998, p. 7)

A subjetividade social imprime suas marcas na subjetividade individual. Contudo, verificamos que a expressão individual pode, ainda assim, ser emitida em oposição e transcender à exterioridade⁷. Neste sentido, residem as múltiplas possibilidades do ser. Em Deleuze, há “a dupla potência da subjetividade: *crer*⁸ e inventar; presumir os poderes secretos, supor poderes abstratos, distintos.” (DELEUZE, 2001, p. 77).

Dessa perspectiva de tentativa de imposição do social frente ao individual, Gallo (1998) identifica a vertente ideológica, também como desencadeadora da subjetividade individual, em oposição ao cunho ideológico. Isso constatado, o autor verifica duas formações educacionais possíveis: a formação que possibilita a sujeição⁹; e a formação de indivíduos de reflexão crítica, percepção própria, posicionamento independente, sem os filtros ideológicos que alienam: indivíduos criativos, dialéticos; seres de possibilidades, assertivos e soberanos de si. Manifestação, segundo Gallo, por vezes “exorcizada” pelo social, causando estranhamento aos *formatados, seres de possibilidades únicas, produzidos em linhas de produção* por determinações. Frente a uma formação libertária fundamentada na possibilidade

⁷ A exterioridade a que se refere Deleuze se trata do contexto social, que é um domínio exterior ao indivíduo. Há a relação entre o ser da natureza e o ser político; entre o interno e o externo; indivíduo e contexto social. Entendemos que seja a esse contexto social que se refere Deleuze nessa passagem.

⁸ Quanto ao *crer e inventar* em Deleuze, pensamos que *crer* está intimamente ligado à *criar*. É preciso *crer* – no sentido absoluto da palavra, acreditar na própria natureza subjetiva, para criar uma posição nova. O *crer* fundamenta o *criar*; e *criar* está na essência subjetiva, alinhada à verdade e à historicidade individual.

⁹ Sujeição - Ato ou efeito de sujeitar ou sujeitar-se; Dependência; submissão. (Michaelis Dicionário *online*)

do pensamento diverso, favorecedora dos processos subjetivos, o indivíduo passa de uma posição de consumismo acrítico para autoria inovadora. (GALLO, 1998). Entendemos que nesse movimento, o elemento subjetividade é o diferencial singular. Tem-se que as subjetividades individuais expressariam uma miríade de nuances de possibilidades outras do ser, em manifestações vívidas e genuínas. Produção essa que se origina na instância social, por objeção ou transcendência a ela.

González Rey (2012, p. 182, 183) corrobora com Gallo (1998) quanto à dinâmica de imposição hegemônica externa, cenários sociais onde se forjam identidades, produzindo indivíduos em alienação de si. Gallo afirma ser ideal educar para a *singularidade*¹⁰ e González Rey assinala a transcendência da psique humana para gerar realidades individuais, numa proposta além da origem única pautada no contexto social. Assim, a subjetividade individual rompe o determinismo da força social dominante sobre a individual. Ambos os autores convergem nesse sentido.

Diferem as proposições quando Gallo constata a subjetividade social como substancialmente ideológica, e assim a nomeia: ideologia. Julgamos essa inferência sobremaneira relevante, e por isso comparamos essa proposição com a noção adotada, de González Rey. Permaneceu a indagação sobre ser possível separar ideologias que permeiam saberes, *seres*, *pensares* e fazeres de expressões subjetivas singulares. De modo reflexivo, verificamos evidências dessa possibilidade na realidade, ao emitirmos, de modo consciente ou não, uma expressão subjetiva individual contrária à determinada ideologia, que fabrica opiniões. Prontamente corroboramos então, com González Rey, pois o tecido social é constituído – de modo recursivo, da subjetividade individual e ela é fonte de novas configurações subjetivas nessa esfera, social. A subjetividade individual é elementar à percepção de possibilidades humanas e, em oposição à sujeição, lidera a força que pode deter o controle ideológico. Gallo corrobora com essa última assertiva.

Acima de tudo, a escola deve educar para libertar; para que o indivíduo seja o construtor de si, livre e responsável pelas suas decisões. Afinal, essa é a natureza humana e esse deve ser o propósito da instituição escolar:

o homem é o artista de sua própria existência e a educação é o pincel, a tela e as tintas com os quais o sujeito vai produzir, num exercício de liberdade, sua própria existência. Assim, o significado e as cores do mundo, o brilho do verniz que encobre a tela, a forma correta de elaborar os traços que formam as figuras do mundo, são

¹⁰ Singularidade em Gallo (1998), entendemos como expressão subjetiva individual.

formas, cores, traços e tons que o educando produz a partir de si. (DANELON, 2010, p. 14 -15)

Nessa produção, o fator subjetividade individual é elementar e tem papel fundamental, pois ele possibilita que se vislumbre outras perspectivas. Observemos que se os envolvidos e responsáveis estiverem suficientemente sensibilizados a esse respeito, a ação educativa pode promover esse diferencial.

Kehrwald (2010) se apoia em Sousa (2002) na análise que conduz no seu estudo. Dada a relevância do conteúdo em Sousa, analisamos o conteúdo desse trabalho sob nossa ótica para os propósitos de nosso estudo. Sousa apresenta proposição de doze formas de subjetividades da primeira pessoa:

Formas de Subjetividades	Descrição
1. Perspectiva	Parte de um ponto de vista particular - incidindo aqui elementos temporais e espaciais
2. Agência	Livre arbítrio para escolha, decisão e ação
3. Titularidade (propriedade de si)	Eu, meu pensamento, minha experimentação e minhas ações, me pertencem. Essa posse é peculiar, no sentido de que ninguém pode experimentá-la da mesma forma que a minha pessoa o faz
4. Acesso privilegiado	Somente o proprietário tem a prerrogativa de acesso; pressupõe privacidade e inacessibilidade de outrem
5. Incorrígibilidade	A apreensão subjetiva individual é um recorte da realidade operado pela perspectiva do observador. Essa apreensão é incorrigível, em dado tempo e espaço. Haja vista que é absolutamente pertencente ao observador
6. Propriocepção	Sensibilidade pelo que se possui em sentido peculiar – o corpo
7. Identidade individual	Atitude individualista visando o consequimento de benefício próprio
8. Tonalidade	Experiência sensorial de ser a pessoa que se é
9. Intersubjetividade	Da interação entre subjetividades, emergem subjetividades
10. Projeção	Atribuição de características existentes na mente do observador, sem evidências no objeto de observação

11. “Visão como”	Percepção individual intencional
12, Experiência do fenômeno da consciência como <i>quale</i> ¹¹	Experimento da propriedade de si, com distinção de objeto físico

Quadro 1 - Doze Formas de Subjetividades da Primeira Pessoa

Fonte: (SOUSA, 2002 *apud* Kehrwald, 2010)

A noção de subjetividade adotada para o estudo, compromissada com a verdade individual, mostra que o individual se manifesta, influenciando e sendo influenciado pelo social. (GONZÁLES REY, 1998; 2012). Favorecido o espaço para a realização subjetiva, há, por conseguinte, o favorecimento da expressão genuína, compromissada com a verdade individual. No quadro 1 acima citado (SOUSA, 2002 *apud* Kehrwald, 2010), pudemos verificar doze formas de subjetividades do indivíduo. Este detalhamento ilustra aspectos da noção de subjetividade de González Rey, adotada no trabalho.

De acordo com a perspectiva do pensamento deleuzo-guattariano, Souza destaca que a subjetividade “visa superar as dicotomias sujeito-objeto, indivíduo-sociedade, interior-exterior, teoria-prática” (SOUZA, 2013, p. 2). O termo *superar*¹² nos parece capital e é exatamente nessa *superação*, que está a realização subjetiva. A subjetividade emerge decorrente da demanda de resposta, numa tentativa de posicionamento com *superação* frente à diferença entre as fronteiras social e individual - e respectivas extensões das manifestações de ambas, podendo dar-se, como exemplo, através a escrita.

As expressões subjetivas genuínas da primeira pessoa envolvem corpo, mente e o *eu* psíquico; se fundamentam nos campos da biologia, da psicologia, da psicanálise, entre outros; com emanções da atividade fisiológica do sistema nervoso; da cognição – como os atos volitivos; e com influências do subconsciente – como sonhos e fantasias. Destacamos a subjetividade individual, como provinda do relacionamento entre a *natureza do ser* e o *ser político*; entre interno e externo; seja, entre indivíduo e contexto social. Ela representa a

¹¹ *Quale* (singular); *Qualia* (plural) – percepção inefável, sensação com que um indivíduo percebe um objeto que lhe é externo. Como exemplo, os olhares de dois indivíduos focam um objeto na cor laranja. A intensidade, a sensação diferem de um indivíduo para o outro; sendo tal diferença indizível, incomparável, não passível de representação. Reportamos apenas, que ambos dirigiram os seus olhares para o objeto na cor laranja e o contemplaram. Mesmo diante da irrepresentabilidade da diferença, é difícil negar que há *qualia* na experiência. Essas sensações individuais, acessíveis na introspecção, constituem os *qualia*. (TYE, 2013).

¹² Consideramos *superar* aqui como, por exemplo, para a superação de uma imposição externa, o indivíduo emite uma resposta subjetiva alinhada à sua verdade individual. Ele ressignifica a situação, valida seu próprio sentir, imprime a sua verdade, posicionando-se. Seja, o indivíduo participa da produção da realidade subjetiva, com a sua verdade individual, superando imposições externas.

expressão da verdade individual, transcende o social e gera novas realidades. Seja, o indivíduo ressignifica sentidos, valida a leitura do seu sentir, e imprime a sua verdade em expressão subjetiva genuína.

Após essa verificação, no entanto, persistiu o questionamento sobre uma particularidade da subjetividade, bem estabelecida no imaginário social, com sentido em oposição à objetividade. De forma reflexiva, observamos que a subjetividade representa uma miríade de matizes de significações. É relativa, pautada nas diferentes historicidades de experiências humanas. O subjetivo passa por um olhar peculiar, com ressignificação singular. O código linguístico não seria suficiente para imprimir essa infinidade de nuances, que se organiza, então, em formas de dizer. Ao lermos os sentidos do mundo, apreendemos nossa própria historicidade. Com efeito, a subjetividade está em oposição à exatidão objetiva, pois a primeira oferece abertura para essa leitura de matizes. A objetividade seria então, um acordo tácito coletivo ancorado em limites semânticos. Seu determinismo não ofereceria essa abertura à leitura com as *tonalidades do ser de todas as cores*, suprimindo as formas de ser. A subjetividade individual é elementar à percepção de possibilidades humanas.

Quanto ao *mal-estar* em González-Rey (2012); e ao *traumático* – em Campos¹³ (2012) ressaltamos que eles se apresentam como eventos interessantes para a subjetividade. O estranhamento e a objeção têm papel *sui generis*, posto que o indivíduo é colocado frente a uma situação para a qual conhece resposta mais interessante, por vezes inscrita na não linguagem, tendo que ser traduzida. Nessa operação, elabora-se o posicionamento diverso, comprometido com a unicidade e com a verdade singular. Posto que a latência de *ser*, pode se realizar na oportunidade engendrada. Algumas vezes, a assertiva individual não encontra alcance intelectual ou cultural na alteridade. Essa compreensão díspar, sem esforço, interesse ou abertura para superação, nutre a produção subjetiva, posto que demanda re-elaboração. Constatamos o conflito com origem nesse *mal-estar*, portanto, como propulsor no movimento de elaboração subjetiva. Logo, o pensamento diverso e a diversidade cultural e intelectual.

Nessa seção, discutimos a noção de subjetividade, sua constituição, e assinalamos uma rica discussão possível, a respeito da implicação do desenvolvimento subjetivo na formação educacional. A descrição minuciosa se dá em tentativa de subsidiar entendimentos sobre a extensão da questão subjetiva na EAD. A seguir, discutimos a noção de intersubjetividade e a influência da relação intersubjetiva na constituição subjetiva, pois não há educação sem relações interpessoais.

¹³ Abordado na Seção Intersubjetividade – p. 23.

O trabalho que conduzimos focaliza oportunidades para a emergência da subjetividade nos processos educacionais mediados pela tecnologia, segundo a perspectiva apresentada nos textos científicos que discutem a EAD, no que tange à elaboração subjetiva.

2.2 INTERSUBJETIVIDADE

A intersubjetividade é representada pelo relacionamento entre consciências individuais. Keegan enfatiza que “a relação de ensino-aprendizagem é essencialmente de interação e de intersubjetividade – [...] muito é aprendido por se estar na presença daqueles que tem qualidades.” (KEEGAN, 1993, p. 124). Keegan apresenta a noção de “intersubjetividade” no domínio da educação que é desenvolvida por Richard Stanley Peters, Filósofo da Educação:

Peters resume sua visão sobre a relação entre ensinar e aprender através do conceito de ‘intersubjetividade’ entre professor e aluno. Nesse conceito aprender é experimentado como conversação ou experiência em grupo. A intersubjetividade reflete um empreendimento compartilhado no qual professor e aluno estão unidos pelo entusiasmo e avidez. (PETERS, 1972 *apud* KEEGAN, 1996, p.114-5)

Para Danelon, as relações intersubjetivas são configuradas pelo conflito, posto que o sujeito é definido pelo olhar do outro. Encontrar-se frente à outra subjetividade representa perda de controle sobre o outro, que nos apreende. (DANELON, 2010). O autor defende que o processo de educação é repleto de relações de alteridade. Nesse sentido, Campos discute o pensamento de Jean Laplanche, concernente à “incidência do outro” na constituição da subjetividade - particularmente na experiência intersubjetiva de caráter traumático:

por meio de uma teoria da sedução generalizada Laplanche chega à proposição de uma intersubjetividade traumática na constituição originária da subjetividade. Nessa perspectiva, o circuito pulsional se origina da instalação do objeto-fonte da pulsão que é fruto da demanda de interpretação e da inscrição e em negativo da linguagem do outro sobre o organismo humano. É uma espécie de “resto não assimilado” por meio do qual a pulsão brota, ou seja, trata-se de uma negatividade e de uma irrepresentabilidade fundantes, o que vem corroborar a ideia de que a pulsão de morte é a condição originária da vida pulsional. Assim, podemos notar que, tal como a fantasia, a pulsão tem um originário, pois é simultaneamente efeito e causa da alteridade radical no seio da subjetividade, o que reitera a sua posição como conceito fundamental da psicanálise. (CAMPOS, 2012, p. 33)

Ao indivíduo, é posta uma indagação e demanda por posicionamento. Na busca de sentido, faz uso dos recursos que tem para tradução, não encontra correspondência simbólica, imprime sua própria subjetividade; não somente isso, mas é impelido a ponderar o alcance externo, reelaborando a posição a ser emitida, traduzindo-a para o outro. Maior a disparidade para esse alcance, maior o esforço para elaboração subjetiva individual, destarte.

A teoria da sedução em Freud indica um excedente de tensão que demanda elucidação, constituindo o aparelho psíquico. (FREUD, *apud* ALMEIDA, 2000, p.97). Há uma relação díspar entre o universo adulto e o infantil, onde incógnitas são veiculadas na comunicação com a criança, que produz esforço para atribuir significação. Campos (2012) destaca que Laplanche estabelece funcionamento paralelo nas relações intersubjetivas de cunho traumático¹⁴, para a constituição subjetiva. Na teoria da sedução generalizada proposta em Laplanche, esse exercício conduz à constituição subjetiva. Como consequência, a alteridade instaura efeitos na elaboração subjetiva, e causas. Segundo Gernet, a teoria se fundamenta na gênese do corpo erótico e no compromisso com o outro (GERNET, 2012, p. 385). O componente pulsional¹⁵ é instaurado na demanda pela tradução de algo que não encontra correspondente simbólico¹⁶, há trabalho, esforço pela busca de representação, de sentido no campo simbólico. Campos (2012) lembra que a unidade de não-tensão – impulso para a morte¹⁷, é condição para a unidade de tensão – impulso para a vida¹⁸; assim como,

¹⁴ Trauma - Intenso afluxo de demandas, superior à capacidade de assimilação; mobilizando recursos existentes para a restauração do estado de controle (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 447- 448)

¹⁵ Pulsão – exigência de fonte somática imposta à psique, objetivando a execução de trabalho para neutralizar um estado de tensão (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 324-327). Tavares inquire escolhas tradutórias do termo *Trieb*, conceito fundamental da obra freudiana, “Se ao *Trieb* devemos dar o nome de *pulsão*, “*instinto*” ou *impulso*? Parece-nos que, aparentemente, seguimos à *deriva*.” (TAVARES, 2011, p. 390). Em tempo, sobre a fonte pulsional – Laplanche e Pontalis têm a dizer que a unidade é passível de emergência por efeito de atividades indiretas - não-sexuais, como em decorrência do trabalho intelectual (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 167)

¹⁶ Irrepresentabilidade – entendemos que se trata de inscrição que não encontra correspondência no campo simbólico.

¹⁷ Noção de pulsão de morte - tendência natural dos organismos vivos, de se direcionarem para um equilíbrio inorgânico, impulsionando a neutralização de unidades vitais; o desinvestimento de ânimos; a instalação de ausência tensional. Acepção admitida teoricamente por Freud após 1920. O dualismo pulsional – *tensão-não-tensão*, permite a ampliação do estágio instintivo. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 336-342)

¹⁸ Noção de pulsão de vida - movimento inverso à tendência de equilíbrio inorgânico do impulso de morte, para conservar a existência vital; fenômenos vitais de autopreservação e de perpetuação (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 342-344)

admitiu Freud desde 1920, até o fim de sua obra (FREUD *apud* LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 338).

Campos afirma que “Laplanche é um dos autores da psicanálise contemporânea que insiste no posicionamento ontológico e epistemológico que reconhece a alteridade como aspecto fundamental da subjetividade.” (CAMPOS, 2012, p. 33). Então, ousamos pensar na função que a dialética opera na educação, nesse processo. O autor, atribui à Laplanche, por conseguinte, o estatuto de “referência fundamental para a discussão sobre a alteridade” na psicanálise. (CAMPOS, 2012, p. 34).

Verificamos, portanto, a relevância da alteridade e das relações intersubjetivas, na produção subjetiva. Essa seria uma das formas de favorecimento da emergência de subjetividades. Nesses termos, a dialogicidade implicada nas mediações pedagógicas nos processos da EAD se apresenta relevante na formação subjetiva de quem aprende, uma vez que promove eventos situacionais para esse desenvolvimento.

2.3 DIALOGICIDADE E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A dialogicidade – comunicação bidirecional é um elemento essencial na EAD, dada a característica dessa modalidade de ensino e de aprendizagem, mediada por tecnologias, mídias, pedagogias, pessoas, linguagens verbais e não verbais; que ocorre em grande parte em diferentes momentos temporais e em espaços remotos. Ainda nesta seção, discutiremos essa noção a partir da obra de Desmond Keegan. Para o teórico, na experiência ensino-aprendizagem a intersubjetividade é fundamental, e ela pode ser possibilitada através da dialogicidade nos materiais e nas comunicações interpessoais na EAD.

O *NMC Horizon Report* cita que a EAD se encontra em franco progresso, porém, há anos de seu auge. Serviços de aprendizagem e tutoriais adaptativos detectam padrões e se organizam oferecendo a personalização da experiência, com a tutoria inteligente *online*. Assim, se desenvolve um rico suporte customizado, centrado no aluno; tecnologias impulsionam novas pedagogias, novas arquiteturas e sistemas multimídia se projetam em escala para os ambientes virtuais; conteúdos mais eficazes são implementados; foco na aprendizagem interativa em tempo real, com recursos de vídeo e áudio para a captura da linguagem corporal não verbal, vem tendo sua qualidade aprimorada. Em suma, a EAD lidera

significativas mudanças no ensino superior. Como evidência, mais e mais instituições implementam cursos *online*. (NMC, 2014, p. 18-19).

A ampliação da aplicação da EAD é uma realidade, e “está se tornando uma das tendências de ensino no futuro para impulsionar o desenvolvimento pessoal de uma maneira geral.” (JI *et al.*, 2012, p. 240). Para Atcheley, “muitos pesquisadores concordam que o futuro do ensino superior está ligado a alguma forma de entrega de cursos *online*.” (ATCHLEY *et al.*, 2013, p.2, *apud* SILVA, 2014b). Para a ABED, a TIC modificam a organização social e fazem da EAD uma possibilidade crescente: “A ampliação das ações educativas a distância é um fato que pode ser demonstrado pelos dados quantitativos da última década. As Tecnologias de Informação e Comunicação fazem parte de um novo paradigma tecnológico que modifica as práticas sociais e, em especial, as educativas.” (ABED, 2013, p.102; *apud* SILVA, 2014b). Dada a prospecção dessa modalidade de ensino e de aprendizagem, o entendimento da subjetividade no contexto da EAD é essencial, pois expressão subjetiva permite que se vislumbre possibilidades humanas. Conforme vimos em Campos (2012), a exposição às relações intersubjetivas é uma das formas de produção subjetiva na educação que se dá a distância.

A comunicação bidirecional é um processo essencial nas relações interpessoais, em variados segmentos. Nos processos educacionais, a dialogicidade é um diferencial que possibilita a aprendizagem significativa. É, portanto, imprescindível. Essa necessidade dialógica é transposta para as ações educacionais que se dão nos meios digitais. Discutimos conceitos relacionados, a partir da perspectiva da obra de Keegan, que julga a comunicação bidirecional essencial para a EAD.

Para o autor, na experiência ensino-aprendizagem o elemento “intersubjetividade” se acha intrínseco. Na EAD a realização da ação educativa se dá em momentos temporais e espaciais diferentes: “Uma característica essencial da educação a distância é que os atos de ensino estão separados, em tempo e lugar, dos atos da aprendizagem.” (KEEGAN, 1996, p. 115). Para o autor, um aspecto “central para a análise [...] é a natureza do processo de comunicação”. (KEEGAN, 1993, p. 127). Em função dessa separação temporal e espacial, há a desconstrução do fenômeno natural – intersubjetividade, decorrente da relação interpessoal presencial. Devido a essa separação, os

professores da EAD têm dificuldades de estabelecer a "intersubjetividade essencial" [...]. A comunicação característica bidirecional face-a-face da classe, da palestra, no laboratório prático, do tutorial, do grupo de projeto, do seminário, está faltando. (KEEGAN, 1993, p. 129)

O teórico questiona o papel docente e a possibilidade de se reconstruir o fenômeno intersubjetivo, e outros elementos através da mediação tecnológica:

Como se pode explicar o papel do professor na educação a distância, quando o aluno estuda os materiais que foram desenvolvidos um, cinco ou dez anos antes? É possível reconstituir a intersubjetividade da comunicação bidirecional a distância no ensino universitário, ou as habilidades psicomotoras da formação a distância através das mídias disponíveis para o professor a distância? (KEEGAN, 1993, p. 127.)

Para Keegan, a contiguidade e a intersubjetividade natural da relação docente e discentes, estariam prejudicadas com a distância nas dimensões física e temporal. O autor sugere que através da reintegração dos atos de ensinar e aprender, a recriação artificial do fenômeno seja viável. Através dos recursos tecnológicos da EAD, portanto, os materiais e atividades devem reconstruir essa característica. Keegan afirma que seria essa a forma de se superar a fundamentação teórica para a modalidade educacional que se dá a distância: “A solução satisfatória para esta situação é o conceito de reintegração dos atos de ensino pelo qual a comunicação bidirecional entre os alunos e o professor a distância pode ser reconstruído e em que a aprendizagem a partir de materiais possa ocorrer”. (KEEGAN, 1993, p. 130).

Segundo Keegan, se a comunicação interpessoal e os materiais de estudo da EAD tiver dialogicidade, os momentos do *ensinar* e do *aprender* podem ser reintegrados. Dessa forma, seriam reconstruídos artificialmente, elementos fundamentais das relações da realidade, como a contiguidade e a intersubjetividade, nas relações nos ambientes e movimentos da EAD. Tais elementos haviam se perdido, face à separação total ou parcial da relação ensino – aprendizagem, em função da natureza da EAD. Para Keegan, nos processos educativos da EAD, “A fórmula adequada para a mediatização tecnológica seria o uso de mídias técnicas” (KEEGAN, 1993, p. 119). Assim, poder-se-ia “unir os alunos distantes, eletronicamente” (KEEGAN, 1993, p. 125). Para o autor, a reintegração dos dois procedimentos reside nas possibilidades: através da criação de materiais de estudo com características da comunicação interpessoal; e via adoção situacional da comunicação bidirecional – de se estabelecer diálogos, reproduzindo as relações interpessoais da realidade:

através de tentativas eletrônicas para imitar a sala de aula em tempo real, tanto quanto possível (por exemplo, a teleconferência). Em segundo lugar, são sugeridas tecnologias que oferecem a oportunidade para os alunos ‘interagirem com os

materiais ao invés de fazê-lo com um instrutor, fazê-lo no seu tempo e, geralmente, na sua própria casa (com instrução programada e instrução assistida computador interativo). (KEEGAN, 1993, p. 128)

Para Tori, o diálogo oferece uma sensação de proximidade e, quanto mais diálogo, menor é a sensação de distância. (TORI, 2010, p. 63). Quanto aos materiais autoinstrucionais, Keegan destaca ser imperativa a presença da dialogicidade, devendo imitar a comunicação interpessoal, tanto quanto possível:

Os materiais de aprendizagem, impressos e não impressos são projetados para atingir maior número de características da comunicação interpessoal quanto possível. Vários escritores sugerem a incorporação do estilo de fácil leitura, a antecipação de problemas dos alunos, estruturação cuidadosa de conteúdo, questões para autoteste, objetivos instrucionais, perguntas, respostas inseridas modelo tipográficos; com considerações: desenhos, diagramas e desenhos. Na impressão, audiovisual, vídeo e programas de computadores e laboratório, os autores tentam simular a intersubjetividade da sala de aula, tutorial, ou de palestras. (KEEGAN, 1993, p. 131)

Notadamente, há muitas possibilidades para a reprodução das relações interpessoais, através da criação de materiais autoinstrucionais, com adoção de diversos recursos midiáticos, tecnológicos e linguísticos, entre outros. Com relação à comunicação interpessoal, Keegan afirma que ela pode ser de variadas formas, via “comentários sobre as atribuições por tutores ou computadores, teleconferências, videoconferências e conferências” (KEEGAN, 1993, p. 131). O autor lembra que os sistemas de EAD devem contemplar o desenvolvimento do curso, o suporte e, a integração desses subsistemas com excelência.

Contudo, outros desafios, além daqueles com origem na natureza da EAD emergem. São eles concernentes às questões qualitativas, como assegurar a dialogicidade em quantidade e qualidade satisfatória; processos, mediação pedagógica dialética; articulação informacional; aprendizagem significativa; metacognição; presença cognitiva e social. Keegan enfatiza que ensinar implica:

incentivar o desenvolvimento de novas perspectivas baseadas na integração do conhecimento existente com o conhecimento recém-adquirido do aluno. O aluno tem, em seguida, que validar o conhecimento emergente por meio da interação colaborativa e sustentável, com o professor e outros alunos. A educação é um processo que se caracteriza pela interação do professor e estudante que toma a forma de troca dialética, uma negociação de significados. (KEEGAN, 1993, p. 125)

Abordamos neste segmento, as noções de subjetividade, intersubjetividade e da dialogicidade no contexto da EAD. Diante do exposto, pudemos refletir sobre a importância da dialogicidade nesse cenário – nas relações interpessoais, materiais e atividades, como forma favorecedora da produção subjetiva. Das relações interpessoais resultam intersubjetividades. Em Campos (2012), a alteridade do outro - especialmente a traumática, incide na constituição da subjetividade. Na comunicação bidirecional, o outro emite uma proposição e aguarda uma resposta. Na busca por traduzir sentidos de algo não assimilado, que se instala no campo da não linguagem, no receptor emerge uma pulsão, que é traduzida segundo significações e interesses próprios, conforme a historicidade do indivíduo. Nesses termos, pode-se observar a relevância da alteridade e das relações intersubjetivas na produção subjetiva. Essa seria uma das formas de favorecimento da emergência de subjetividades, segundo o autor (CAMPOS, 2012, p. 33). Sousa corrobora com Campos nesse sentido, afirmando que a intersubjetividade, representa uma das formas de subjetividade do indivíduo. (SOUSA, 2002 *apud* Kehrwald, 2010).

Por essa razão, processos que promovem relações dialógicas nos ambientes eletrônicos interessam para o estudo. Em seguida, fazemos exposição dos procedimentos metodológicos, e seguimos com vistas aos textos científicos.

3. DESVELANDO A SUBJETIVIDADE EM TEXTOS CIENTÍFICOS SOBRE A EAD

3.1. PREPARANDO O CAMINHO

Para este estudo, adotamos a pesquisa com objetivos de caráter exploratório e método qualitativo. A coleta de dados tem origem bibliográfica, conta com livros e textos científicos de ordem primária. Como referencial teórico, o pensamento de Desmond Keegan (1993; 1996) foi considerado, no que tange à comunicação bidirecional na EAD. Para a noção de subjetividade, o estudo se apoia em González Rey (1998; 2012).

Para melhor ilustrar as facetas da subjetividade individual, adotamos a descrição de doze aspectos da subjetividade proposta por Sousa (SOUSA, 2002 *apud* Kehrwald, 2010); e, em função da relevância da intersubjetividade na EAD, por representar uma possibilidade na presença social, adotamos a noção de intersubjetividade em Campos, onde a gênese da constituição subjetiva decorrente da intersubjetividade de origem traumática é demonstrada até a sua fase mais elementar, na geração pulsional. (CAMPOS, 2012).

As fontes adotadas para a obtenção de dados, contam com artigos, teses e dissertações dos últimos cinco anos - 2010-2014, concernentes às discussões sobre ambientes virtuais educacionais e subjetividade; favorecimento à produção e à realização subjetiva na EAD. O critério de seleção para análise se deu como segue: conduzida busca nos *websites* www.periodicos.capes.gov.br e www.scielo.com, com as palavras-chave *subjetividade* e *educação a distância*; não tendo sido localizados eventos em número satisfatório partimos para a busca em Congressos da ABED para o mesmo período. Ainda assim, insatisfatórias em número, buscamos então com as palavras-chave com os segmentos *intersubjetividade* e *educação a distância*; e em seguida *dialogicidade* e *educação a distância*. Tendo permanecido um número ínfimo de eventos, partimos para a busca de procedência de periódicos científicos e universidades internacionais, considerando similares sequências, como *mediação pedagógica na dialogicidade em EAD*; ou em outros idiomas, visando a localização de textos científicos. Permaneceu a escassez de eventos.

No capítulo quatro, que versa a respeito das considerações finais sobre o estudo que ora conduzimos, destacamos as principais pautas encerradas nesses textos científicos selecionados.

Quanto aos procedimentos, a abordagem utilizada para a análise discursiva foi a leitura dos escritos, levando-se em consideração a proposição de questões colocadas em cada artigo, no que concerne ao tema objeto desse estudo. Foram analisados dados dos últimos cinco anos. As unidades de análise se pautam em palavras ou sentenças, uma vez que representam o objeto discursivo.

Ênfase foi dada à abordagem de questões diversificadas correlacionadas ao tema de alguma forma. Assim, recortes de evidências primam pela diversidade, não pela quantidade; conferindo a pesquisa, caráter qualitativo, portanto.

Por fim, os dados problematizados foram organizados, seguindo-se a redação do trabalho. Neste estudo, buscamos identificar processos favorecedores da emergência de expressão subjetiva, como a dialogicidade, entre outros; analisamos os textos com proposição ou problematização pontuais a respeito da subjetividade, focando o questionamento de como a subjetividade se encontra caracterizada nos textos científicos que discutem a EAD.

Em seguida, observamos processos em meios digitais favorecedores da emergência de subjetividades, com base em levantamento efetuado nesses textos científicos, com observância à exposição discursiva neles encerrada.

3.2. SUBJETIVIDADE E DIALOGICIDADE

O artigo *Being Online: Social Presence as Subjectivity in Online Learning* analisa a manifestação de tipos de subjetividades na presença social no AVA e enfatiza essa presença como geradora de subjetividades (KEHRWALD, 2010). Como base de dados, uma experiência dialógica *online* em processos sociais mediados no programa de pós-graduação totalmente *online* de uma universidade australiana foi considerada, buscando relação entre a presença social e a subjetividade.

O autor relata que a experiência tecnologicamente mediada deve prover sensações da forma presencial. Verifica que a intensidade nas relações interpessoais, dialogicidade, dinamicidade, envolvimento psicológico, compreensão, respeito, reciprocidade e interdependência lideram interações significativas; número e frequência de experiências anteriores conferem um *continuum* que altera sentidos. Com efeito, a sensação de presença social, segundo Kehrwald é demonstrativa, dinâmica e cumulativa (KEHRWALD, 2010, p.44-45). O autor alega que “O sentido da presença ‘do outro’ flutua com o tempo com base

no número, frequência e qualidade das interações” (KEHRWALD, 2010, p. 43). Além desses elementos, escolhas midiáticas estão implicadas no sentido dessas relações.

Em Tori, para a coesão de um grupo, é preciso identidade e interdependência entre seus membros; para o autor, “para existir interdependência um membro deve influenciar os demais.” (TORI, 2010, p. 44). Entendemos que para as discussões, é preciso que cada participante sinta essa identidade perante o grupo, para poder discutir os assuntos com maior riqueza. E, deve haver também esse sentimento de interdependência, onde um complementa as ideias de outro membro. Pensamos que os membros devem influenciar uns aos outros, e assim, as discussões podem ser mais ricas na presença social.

A presença social conta com a projeção da primeira pessoa para a virtualidade mediada, sensação da presença de outros e qualidade das interações com o grupo. Kehrwald destaca que “as concepções dominantes de presença social são essencialmente subjetivas. Elas envolvem projeções subjetivas do *eu*” em ambientes digitais mediados pela tecnologia, avaliações subjetivas da presença de outros e das relações interpessoais. (KEHRWALD, 2010, p. 41)

Nessa operação social, o autor localiza traços subjetivos de Perspectiva - ponto de vista; Agência - poder de decisão e, em um terço dos dados analisados, de intersubjetividade – subjetividade emergente via interação interpessoal. Participantes escolhem tipo e quantidade de informação para compartilhamento e discussão. Quanto à relação entre a presença social e a intersubjetividade, o pesquisador observa que habilidades para a atuação social nos AVA são aprendidas através da observação de outros participantes:

Notadamente, habilidades para transmitir e ler a presença social na interação mediada são aprendidas. Alunos inexperientes frequentemente não vêm para os ambientes de aprendizagem *online* com habilidades para se projetarem como atores sociais salientes, ou para ler sinais presenciais de outros atores sociais. Eles os aprendem através da interação com os alunos mais experientes, vendo e experimentando como os outros se projetam no ambiente, como os outros interagem uns com os outros e como reagem a seus esforços pessoais para cultivar a presença social. (KEHRWALD, 2010, p. 47)

Além disso, o autor também observa que os participantes se espelham nos outros atores sociais dos ambientes eletrônicos, levando à contiguidade:

Indivíduos vêm os outros mais ou menos como a si mesmos e assim reagem aos outros com empatia, respeito, admiração e sentimento de conexão. Há também algum sentido da incorrigibilidade da experiência. Os indivíduos experimentam o outro de maneiras particulares e interpretam as suas mensagens de acordo com sua

perspectiva única e de acordo com o primado da experiência da primeira pessoa. (KEHRWALD, 2010, p. 47)

Kehrwald, destaca que a presença social representa um mecanismo crucial para se explorar a subjetividade nos ambientes digitais. As manifestações da subjetividade na presença social no AVA devem ser abordadas nas investigações nesses ambientes, liderando ações mais produtivas na aprendizagem *online*. Kehrwald defende que as manifestações de todos os aspectos das formas de subjetividade - *eu*, mente e corpo, devem ser consideradas nos ambientes de mediação eletrônica:

Embora os tópicos de interação interpessoal, colaboração e comunidade *online* têm sido explorados ao longo dos últimos dez anos, há oportunidade para focar questões de subjetividade em novas ferramentas (ambientes virtuais imersivos, ferramentas de redes sociais) e as diversas manifestações da subjetividade (apresentações de questões do eu, mente e corpo em mundos virtuais, agência). Sugere-se aqui que a presença e a presença social se tornarão ferramentas importantes para pesquisadores procurando explorar a subjetividade nestes contextos. (KEHRWALD, 2010, p. 48)

Assim, se pode classificar a presença cognitiva e social na dialogicidade virtual na EAD, como um dos processos fundamentais para o trabalho com aspectos subjetivos, esses constituintes da subjetividade - noção em Gonzáles Rey (1998; 2012), que consiste em elemento central para a expressão genuína, independente, compromissada com a verdade individual, ao invés de estar a serviço de intenções de outrem e do agenciamento coletivo.

Kehrwald sugere que as formas de subjetividades possam beneficiar os processos da EAD, da maneira como segue:

(a) a transição de presencial para a interação mediada; (b) a ‘realidade’ da experiência nos ambientes virtuais; (c) o desenvolvimento de sistemas sociais produtivos; (d) a interação síncrona e assíncrona; (e) as apresentações do *eu* em várias mídias; (f) Agência do aluno na aprendizagem centrada em projetos; (g) o desenvolvimento de infraestruturas sociais com apoio para a comunidade; (h) a aprendizagem e a afetividade nos ambientes mediados. (KEHRWALD, 2010, p. 49)

Além da questão crucial, que é o favorecimento da emergência subjetiva no AVA, “A presença social atua para ‘humanizar’ a experiência no AVA.” (KEHRWALD, 2010, p. 48). O aprimoramento do trabalho com a presença social na EAD nos parece um fator de extrema relevância, por diversas razões. É imperativa essa observação nos diferentes contextos. Aqui, portanto, devem se concentrar esforços em distintos aspectos midiáticos, tecnológicos e pedagógicos. Observância aos sinais inscritos nesses ambientes digitalmente

mediados deve ser considerada, para o aprimoramento de processos. O artigo inspira a busca do entendimento sobre projeções individuais e a presença social em diferentes mídias. Concordamos com o autor que todos os aspectos e formas da subjetividade devem ser considerados, uma vez que esses aspectos são constitutivos da subjetividade, como se deseja nos processos da EAD.

Um dos textos considerados, assim intitulado *S(t)imulating Learning: Pedagogy, Subjectivity and Teacher Education in Online Environments* (SALTMARSH; SUTHERLAND-SMITH, 2010), expressa preocupação com a formação do professor para a EAD. O estudo conduz pesquisa em cinco universidades australianas, buscando identificar como as subjetividades de formadores de professores moldam pedagogicamente sua práxis e validação de possibilidades pedagógicas nos mundos virtuais. Constata que na produção de subjetividades no ensino superior, os formadores de professores podem se encontrar sob uma demanda subjetiva de múltipla ordem, com tensões por imposições externas e internas, contexto político, discurso educacional normativo, crenças pessoais frente às abordagens pedagógicas *online*, levando para os ambientes digitais, os modelos existentes. Com efeito, as atitudes dos formadores têm implicações na produção de subjetividades dos professores, que as reproduzem na sua práxis. Na formação dos professores, o ensino de subjetividades, pode ocorrer sob o efeito dessas tensões. Logo, a inovação para a seleção de opções pedagógicas e tecnológicas nos espaços virtuais se acha moldada pela formação. Diversas possibilidades pedagógicas são citadas como as *Wikis* e o *Second Life*, recurso mais utilizado no ensino superior, com um mundo no ciberespaço, residentes, aquisição ou aluguel de espaços, mantendo eventos e sedes *online*, com diversas opções para o ensino, como palestras e projetos. Para a atividade de aprendizagem, o *avatar*¹⁹ representa o aluno, que se projeta virtualmente, e adquire uma posição social, interage socialmente como se lá estivesse pessoalmente. Entretanto, o espaço físico para onde projeta a sua pessoa, é virtual. Essa materialidade confere proximidade à experiência. (SALTMARSH; SUTHERLAND-SMITH, 2010).

Diante das constatações, as pesquisadoras sugerem novas abordagens para a formação docente acadêmica no segmento da EAD, integrando a reflexão sobre os modelos existentes, com atuação mais ativa perante os desafios específicos desta modalidade a distância. Não apenas ensinar a prática docente para os novos professores, mas também

¹⁹ *Avatar - Avatars* – “Em sistemas digitais, avatar é a representação virtual de um usuário, podendo assumir diversas formas, como textual, iconográfica, pictórica, vídeo, etc., em exibições estática ou em movimento, 2D ou 3D, realista ou não realista.” (TORI, 2010, p. 181)

ampliar as suas concepções e percepção das subjetividades, e da necessidade de busca de novas possibilidades. (SALTMARSH; SUTHERLAND-SMITH, 2010).

Esse artigo cita o *avatar – Second Life*, como materialização da posição e interação social no espaço virtual; o *Second Life* como a mídia mais utilizada no ensino universitário. Acreditamos que essa seja uma mídia bem sucedida nesse aspecto da materialização e projeção e, que seja preciso investigar em que medida a materialização virtual incide na projeção individual em outras mídias. Sabemos que o indivíduo resulta de determinações de múltiplas ordens, mas é inevitável e de difícil superação o fato de que o fazer, a inovação e a validação dos eventos na EAD se achem moldadas pela formação. Ensinar a *explorar subjetividades* e a *buscar possibilidades*, envolve um universo mais amplo; seja, o resgate de entendimentos e aspectos que a formação não contemplou, seja o acesso que não proporcionado ao profissional no contexto social em que se acha inserido.

Ainda, com relação a aspectos da atuação do professor, o artigo *Educação a Distância: Implicações na Prática Docente* (MARTINS, 2012), traz a reflexão de que a atividade profissional docente na EAD enfrenta transformações sociais que alteram o papel do professor. Nessa modalidade de ensino, o professor se encontra responsável por diversas ações como a elaboração e intermediação de recursos didáticos, motivação da autoaprendizagem e mobilização da capacidade de busca autônoma de conhecimento, entre outras. Além disso, novas possibilidades de mediação tecnológica impõem novas necessidades de apropriações e do fazer docente. Diante da nova TIC e instrumentos virtuais da EAD, segundo Martins “O aluno tem que reaprender a estudar e o professor a ensinar” (MARTINS, 2011, p.7). Essa nova configuração de papéis requer flexibilidade, resiliência e reflexão crítica da prática docente. Desse movimento tecnológico também emana uma ressignificação de sentidos para a produção de conhecimento. Para o autor, “a incorporação da Educação a Distância no cotidiano escolar irá provocar alterações na dinâmica das relações entre todos os atores envolvidos” (MARTINS, 2011, p. 12). O autor salienta que o aumento dos movimentos no mundo virtual possibilitado pelas tecnologias, imprime velocidade de ressignificação de saberes. No entanto, conforme Martins, há uma “diminuição das relações interpessoais (que) favorece o individualismo, o pragmatismo e a desvalorização do ser humano.” (MARTINS, 2011, p. 10). Para o autor, essa nova demanda pela diversidade da atuação docente, redução hierárquica, exige formação continuada não somente nos aspectos pedagógicos e tecnológicos como também em relação à subjetividade. E, muitas vezes, os professores vêm de um histórico com um cenário complexo na educação brasileira. Esses fatos impactam nas expectativas profissionais:

[...] professores têm diante das circunstâncias que o próprio processo histórico produziu em termos de educação, tais como: desmotivação pessoal e, muitas vezes abandono da própria profissão; indisposição na busca de aperfeiçoamento; esgotamento e estresse, como consequência do acúmulo de tensões; depressão; ausência de uma reflexão crítica sobre a ação profissional e outras reações que permeiam a prática educativa e que acabam em vários momentos, provocando um sentimento de autodepreciação. (MARTINS, 2011, p. 10)

Essas questões enfrentadas pelo professorado na prática educativa no quadro brasileiro da educação são bastante representativas. A ausência de condições para o bom desenvolvimento do trabalho; a remuneração insuficiente frequentemente encontrada; a inviabilidade para pesquisa contínua e aprofundada; a indisposição, causada pelo esgotamento físico e mental acabam por impactar a formação continuada e, por fim, afetando a qualidade do ensino; afetando também a pesquisa e o vislumbre de possibilidades para a EAD. O favorecimento e o desenvolvimento da elaboração subjetiva ficam, por conseguinte, prejudicados.

De fato, a inovação que exige o fazer docente na EAD, pressupõe que o professor possa pesquisar; participar de eventos que tragam novos achados e artefatos a respeito da subjetividade na modalidade; que disponha de tempo para avaliar, discutir suas percepções com seus pares. As condições de seu cotidiano influenciam nesse processo. Os movimentos da esfera social refletem na subjetividade inscrita na práxis docente, e se refletem no que o profissional pode proporcionar a outrem. Pensadas essas implicações, na EAD, além da mobilização de diversas capacidades, formação continuada, o professor deve estar livre das tensões cotidianas para poder, por fim, validar novos instrumentos para a modalidade virtual. Pois, se sob pressão dessas tensões e problemas cotidianos, o profissional incorre em risco de que sua subjetividade afete a objetividade de sua validação; ou ainda, de que não valore espaços para a expressão subjetiva adequadamente, não os proporcionando ao corpo docente.

Essa demanda imposta pela EAD requer resiliência, criticidade, formação continuada, e que o professor esteja livre das pressões cotidianas. Quanto à redução de relações e a “desvalorização do ser humano”, que cita Martins (2011, p. 10). O maior entendimento das questões envolvidas na EAD pode possibilitar a execução de processos efetivos para a sua superação. Esse movimento permitiria a busca de soluções.

Um exemplo seria a questão da subjetividade. Cabe lembrar que na modalidade presencial a realização satisfatória de características ideais para a elaboração subjetiva nos processos de ensino e de aprendizagem, nem sempre está assegurada.

Ademais, é preciso reconhecer que a relação *ser humano-máquina* e as mudanças impressas pelas tecnologias nos parecem um caminho sem retrocesso na contemporaneidade. Resta-nos apenas, encontrar soluções para questões como a implementação e a validação desses entendimentos, em recursivo estado de pesquisa, orientado para a otimização dos seus processos, em particular na EAD. Esta modalidade tem provado ser uma alternativa – como é possível verificar nos números citados pela ABED mencionados na seção introdutória deste estudo; a EAD tem a sua aplicabilidade e é preciso que as especificidades do seu fazer e operacionalização sejam entendidas, a fim de se promover aprimoramento nos processos para, por fim, promover a ampliação de sua aplicação e sua excelência.

Precisamos submeter possibilidades direcionadas para o aprimoramento dos processos e sistemas da EAD a pesquisas e testes, e por fim, valorá-las e validá-las. Somente assim, poderemos promover melhorias nos processos educativos online. Um exemplo seria a dissertação de mestrado de Assis, que elabora uma proposição de gestão para a instância tutorial no sistema da EAD, a ser implementada na instituição participante do estudo de caso adotado no seu trabalho. A proposta é inovadora, pois traz uma forma de gestão fundamentada no imaginário. O objeto de investigação consistiu de questionários para a averiguação do imaginário de alunos e tutores, buscando compreender suas perspectivas a respeito de ações adotadas, e de soluções para as diversas questões relacionadas à instância da tutoria. O estudo contou com os métodos qualitativo e quantitativo de análise (ASSIS, 2007). Pensamos que estudos inovadores, similares aos de Assis, precisam ser considerados na EAD, pois representam uma inovação e tem potencial para oferecer soluções.

Souza (2011) analisa em seu artigo *Dispositivos de Produção de Subjetividade em Ambiente Virtual de Aprendizagem: Formação de Professores de Curso Online*, os mecanismos de produção de subjetividades no espaço dialógico no AVA, do curso - Mídias na Educação - ME SEED UAB, UFBA, para formação docente *online*. Num modelo de EAD voltado para os interesses das políticas públicas, Souza busca identificar espaços para singularidades com “deslocamentos de sentido e novas possibilidades de utilização dos espaços virtuais de aprendizagem” (SOUZA, 2011, p. 4). Assim, a autora identifica movimentos para a produção de sentidos diversos múltiplos, em perspectiva de rizoma; identifica também que o uso de TD faz da EAD um território de novos agenciamentos, e é essencial possibilitar a singularização e a multiplicidade na formação dos profissionais. Nessa busca por artefatos, “o principal dispositivo de produção de subjetividade foi a interação dialógica” (SOUZA, 2011, p. 10).

Entretanto, para uma dialogicidade satisfatória no AVA, é preciso uma mediação adequada. A autora alega que a mediação dialógica na EAD demanda competência para problematizar, questionar, intervir, aplicar estratégias específicas, e que: “Essas características exigem uma formação diferenciada, ampla, sistêmica, continuada e baseada nas possibilidades e potencialidades da cibercultura” (SOUZA, 2011, p. 5). Para se prover espaços para a expressão subjetiva genuína com dialogicidade no AVA, a mediação dialógica exige essa formação ampla e continuada.

Neste parágrafo, abrimos parênteses para comentar a extensão da demanda pela mediação dialógica na EAD, tencionando ilustrar a interdependência entre elementos, relacionamentos e agentes no fazer da educação a distância. Sabemos que essa demanda por uma mediação dialógica diferenciada na comunicação interpessoal no AVA na EAD, é extensiva a outras instâncias, como por exemplo, aos materiais autoinstrucionais. Pois, conforme Keegan (1993, p. 130), os materiais didáticos representam outra importante forma de dialogicidade na EAD. Mas que além dessa mediação dialógica, o gênero discursivo autoinstrucional demanda profissionais com excelência na sua formação. É preciso que o conteúdo seja interessante e aprofundado; que tenha dialogicidade; que seja sequencial, que esteja envolvido em um projeto maior; que seja significativo para o aprendiz, envolvendo seu próprio conhecimento de mundo; que seja desafiador em boa medida; que seja veiculado em multimídia, que possibilite o espaço para a emergência de subjetividade genuína individual, etc. A atuação envolve desenvolvimento de conteúdo, a sua manutenção, mediação e monitoramento. Em suma, é preciso uma produção magnificente e isso exige expertise de ordens diversas. E, a produção de atividades no AVA, segue essa mesma dinâmica.

Em seu outro artigo, *Ambiente Virtual de Aprendizagem: Dispositivo de Produção de Subjetividade* (2013), Souza constata que no território do AVA há produção subjetiva de três formas: autorreferente - processo instaurador de heterogeneidades, participação ativa com autoria; massiva, de participação passiva, alienada; e *voyeur*, de consumo, somente. A autora ressalta que o AVA pode ser utilizado para produção subjetiva, tanto implicando uma formação para a sujeição - processo que cria uma única forma de existência, em série; quanto para a autonomia, com espaço para a expressão subjetiva genuína e verdade individual, dizendo que os “Modos de utilização do AVA na formação de docentes *online* podem ser considerados modos de subjetivar” (SOUZA, 2013, p. 8). Isto quer dizer que ou a instituição promove a produção subjetiva de mecanismo formatado para a sujeição; ou se preocupa com a questão, proporcionando o desenvolvimento de posicionamentos pessoais aos indivíduos.

Para a autora, a possibilidade da formação em série para a sujeição, é transferida para os ambientes virtuais por muitos cursos a distância:

Na contemporaneidade, a subjetivação está sujeita a forças poderosas de homogeneização e serialização. Os cursos a distância não ficam de fora dessa tendência. Por isso, é importante o exercício de elaboração, execução e implementação de cursos e espaços de formação de docentes *online* com base na criação, na autoria, na invenção de si e do mundo. (SOUZA, 2013, p. 2)

É preciso promover a produção para a emergência da expressão subjetiva individual. Se não o fizermos, estaremos transferindo para o ambiente eletrônico, os processos de *produção de seres em série* e de heteronomia. Na heteronomia²⁰, a escolha é feita por outras pessoas. Esse movimento perpetua a abdicação de si e a alienação quanto à verdadeira natureza humana, sem sequer tomar conhecimento dessa sua condição. O ser humano é ser de possibilidades, e não meramente um consumidor acrítico que reproduz valores deterministas e capitalistas. A educação tem papel fundamental nesse sentido, e essa responsabilidade precisa ser transferida para os ambientes virtuais na EAD.

A autora mostra como a forma que o AVA é utilizado, pode resultar em dois tipos de formação distintos. Uma formação direcionada para a sujeição; e outra para a produção subjetiva individual autônoma, com sentido diverso e múltiplo; autoria e invenção de si e do mundo. (SOUZA, 2013). Logo, a instituição promotora de eventos da EAD e os responsáveis pelo projeto de políticas públicas devem ser conhecedores desse aspecto apontado pela autora. A busca por soluções e aprimoramento para a realização subjetiva precisa ser constante e os envolvidos nos sistemas da EAD sensibilizados nesta direção.

Na sequência, observamos o que defendem alguns textos científicos sobre a intersubjetividade e a dialogicidade.

Diante da importância da subjetividade verificada na formação educacional, este estudo busca identificar processos que oportunizam sua emergência, e seus elementos favorecedores, como é o caso das relações intersubjetivas. Conduzimos um inventário com base em dados encontrados em textos científicos, visando a localização de elementos conexos. Através da mediação pedagógica nos diversos ambientes onde a dialogicidade e a intersubjetividade são favorecidas; bem como, através da disponibilização de materiais criados para essa finalidade. Em seguida trazemos dados localizados nesse inventário.

²⁰ Heteronomia – sujeição (*Merriam-Webster Dictionary*)

Em *Digging in: Designs that Develop Intersubjectivity in Course Room Discourse*, Hall (2011) resume a relevância da intersubjetividade. Destaca a autora, como os elementos intersubjetividade, interatividade e dialogicidade se acham conexos em ambientes sob a perspectiva construtivista, visando se promover a aprendizagem e a construção de conhecimento de qualidade superior. Mostra a pesquisadora, que níveis de intersubjetividade podem ser um instrumento de medição de qualidade, uma vez que altos graus de intersubjetividade são presentes em interações de nível superior, como elemento da mais elevada qualidade, promotoras de progressões sinérgicas; relata que os processos da taxonomia de Bloom (1956, *apud* HALL, 2011), oportunizam o envolvimento cognitivo eficaz.

Além dessas conexões com a intersubjetividade, a autora relata frequentes discussões insuficientes, superficiais, em monólogos, encontradas nesses ambientes de interação dialógica digital. E que esse quadro, assim como a promoção do envolvimento cognitivo e intersubjetivo requer ações específicas por parte dos designers instrucionais. A autora fala da urgência de se identificar variáveis que incidem na intersubjetividade nesses ambientes. (HALL, 2011).

A tutoria coordena participantes, estimula a dialogicidade nos espaços de discussões no AVA, promove a continuidade e interdependência dos eventos; tem oportunidades de promover o envolvimento cognitivo e, por conseguinte, a aprendizagem significativa, a metacognição²¹, a articulação das informações compartilhadas, etc. Observemos que a tutoria tem acesso privilegiado à percepção do desempenho de eventos, na prática. Pensamos que devido a essa experiência, a tutoria deve interceder em outras instâncias nos aspectos instrucionais nos ambientes de discussões digitais, nos diferentes discursos linguísticos, multimidiáticos, e aspectos tutoriais. Assim, poderá reportar e sugerir, com base nas informações a que tem acesso.

Em suma, o envolvimento cognitivo e intersubjetivo demanda ações específicas e, para possibilitá-lo na EAD, muitos profissionais estão envolvidos, como das instâncias da tutoria, conteudista e do *design* instrucional, entre outros. Constatamos, portanto, a necessidade interdisciplinar de atuações, com expertises de diversa ordem intercedendo nas diversas instâncias. Ademais, pistas das interações se acham inscritas na materialidade dos discursos eletrônicos, em linguagem verbal ou audiovisual. Salienciamos que elas sejam

²¹ Metacognição - consciência ou análise do próprio processo de aprendizagem ou do pensamento (*Merriam-Webster Dictionary*). Reformulação.

cruciais, representando um elemento de investigação. E nessa junção de expertises envolvidas, a instância da tutoria tem informações importantes, e devem ser consideradas.

O artigo *Construct of Web-based Instructional Environment Based on Inter-subjectivity Fusing Cognition with Emotion – Taking the Website Design of the Quality Course Apparel Production and Management for Example*, destaca que além da linguagem verbal, a interatividade presencial conta com a linguagem não verbal, como a linguagem corporal, que tem a função de estimular a elaboração do pensamento e do diálogo. Como solução nos ambientes virtuais, o modelo apresentado traz perfis e vídeos dos professores ministrando as aulas, em tentativa de amenizar esse aspecto. Segundo JI (JI *et al.*, 2012, p. 235-6) “Algumas vezes, o ensino *online* acaba por ter cópias diretas dos livros, quando deveriam trazer uma vívida e rica apresentação multimídia.” Para os autores os “recursos instrucionais deveriam ser diversificados, utilizando todos os tipos de mídias para melhorar a experiência sensorial”. Além disso, destacam que na EAD, atividades assíncronas estão presentes na maior parte do tempo e, por esta razão, *feedbacks* em tempo real são dificultados (JI *et al.*, 2012). E se refletirmos, mesmo que haja esforço nesse sentido, o número de eventos que demandam *feedback* simultaneamente, impossibilita a resposta em tempo real.

O artigo propõe um modelo para a otimização dos processos para uma Universidade na China, orientado para a intersubjetividade, pautando-se na junção entre cognição e emoção, a partir da ênfase na comunicação, *feedback*, autonomia e recursos didáticos de apoio. Para os autores “A cognição e a emoção são dois componentes da consciência subjetiva humana” (JI *et al.*, 2012, p. 236). O modelo conta com: Orientação sobre o programa e cronograma, conteúdos do curso; central de comunicações; indicação de recursos referenciais complementares; sistema para envio de atividades, com *feedbacks*, exibindo trabalhos de excelência, que operam como guia e inspiração para os demais participantes; interação *online* com aprofundamento gradual nos conteúdos, autoavaliação, promoção de interação emocional, despertando o interesse e a cognição; e da pesquisa independente - fomentando a cooperação, o entusiasmo e a iniciativa, com estágios interrelacionadas e tutoriais para suporte. (JI *et al.*, 2012) Lembram ainda que “a cognição compartilhada e consensual é essencial na formação das ideias e das relações” (JI *et al.*, 2012, p. 236). Pensamos que aprimorar a experiência sensorial, como propõem os autores, seja essencial. Embora não tenha sido possível identificar em que o modelo apresentado difere dos modelos que encontramos no mercado, sabemos que a forma como cada uma das ações é conduzida na prática, imprimem um diferencial importante.

Em *Reflexões sobre Intersubjetividade na Educação a Distância em seu Caráter Transcendente* (NASCIMENTO, 2010), a leitura da realidade social se dá pelo compartilhamento de significados. Na interação presencial há diversas possibilidades expressivas, resultando matizes intersubjetivos. Índices de comunicação veiculam essas subjetividades, configurando relações interpessoais ricas, que afetam a aprendizagem e a construção do conhecimento. O autor salienta que a linguagem tem a capacidade de representar elementos da interação social presencial, para o que está distante em tempo e espaço. Através de signos, símbolos e sinais, ela veicula a intenção subjetiva, a mensagem, estados afetivos e o caráter pragmático interativo, tornando presente a comunicação dos não presentes. Isso ocorre porque a linguagem conserva indicativos que asseguram a apreensão desses significados para a interpretação. Nascimento infere que a interatividade das relações estabelecidas na forma assíncrona da EAD, mediada linguisticamente, midiaticamente e tecnologicamente, seja viável. Para o autor, a interatividade nos ambientes virtuais veicula intersubjetividades que “fluem por índices de comunicação próprios do meio virtual” (NASCIMENTO, 2010, p. 8).

Em alguns ambientes da EAD a aprendizagem se dá de modo cooperativo, via escrita digital. O autor sugere que os níveis de diálogo da ação educativa ganham importância na seleção mediática e pedagógica. Logo, a seleção desses artefatos deve ser ponderada. Cada elemento da EAD deve ser explorado conforme suas potencialidades:

A educação a distância, em seus ambientes virtuais, precisa ser pensada (compreendida) a partir de suas próprias características digitais e comunicacionais, de seus limites e formas de expressão da subjetividade, no processo ensino-aprendizagem que promove [...] (NASCIMENTO, 2010, p. 9)

O artigo *Intersubjective Perspective for Modern Distance Education in Teacher-Student Relationship Building* (EDUCATIONAL THEORY PAPER, 2011) em forma particular de dizer, traz importante mensagem. Lembra que educar pressupõe interagir, e que historicamente, a educação sempre foi centrada na intersubjetividade, de base autoritária docente, ou centrada no aluno. Contudo, a EAD moderna centra-se em atividades bidirecionais. Nessa nova relação repressões, hegemonia e discriminação dão lugar ao diálogo, ao compartilhamento e à livre expressão. Todos aprendem, porque todos têm conhecimentos e habilidades.

O artigo destaca que a intersubjetividade é permeada por aspectos emocionais e o carisma influencia, inspira e motiva. Esses eventos levam a interações ricas, favorecendo a

realização subjetiva, criatividade, individualidade e desenvolvimento. Assim, a boa qualidade das relações intersubjetivas reflete no relacionamento docente - discente mediado nas plataformas digitais. O compartilhamento em relação de igualdade, respeito, consenso, cooperação e democracia, favorece a realização subjetiva. A qualidade das relações intersubjetivas impacta nos resultados. Esse aspecto é deveras importante na EAD. (EDUCATIONAL THEORY PAPER, 2011).

O artigo *The Relationship between Academic Discipline and Dialogic Behavior in Open University Course Forums* (GORSKY *et al.*, 2010) observa a relação entre áreas acadêmicas das Ciências Exatas e Naturais & Humanidades e o comportamento dialógico. Os autores analisaram a participação ativa de alunos e instrutores nos fóruns assíncronos dos cursos de graduação da Universidade Aberta de Israel, quanto às quantidades e proporções das presenças cognitiva, social e de mediação dos instrutores. O estudo considerou transcrições de discussões em grupo em linguagem verbal, por um período de três semanas. Como resultado, encontrou participação ativa nos fóruns de ciências exatas e naturais em número mais elevado do que nos fóruns de Humanidades - em ciências, 12,86% dos matriculados participaram, nas Humanidades esse índice ficou em 6,17%. Segundo Gorsky, é preciso se constatar razões para o fenômeno em outros contextos, nos casos em que a participação não seja compulsória. O autor destaca a existência de relações significativas entre disciplina acadêmica e comportamento dialógico em fóruns e que, segundo estimativas, esses números se projetam para outros contextos:

Os resultados apontam para a possibilidade de que o parâmetro populacional estimado para a distribuição da presença cognitiva, presença de mediação e presença social encontrada neste estudo (19,62: 18,63: 61,75), também existe para as comunidades assíncronas de investigação em contextos mais amplos. (GORSKY *et al.*, 2010, p.65)

As proposições são reveladoras e instigam pesquisas em outros contextos, visando constatar razões para esses números. Para Tori, “o design instrucional deverá se apoiar em uma mistura harmônica de atividades de aprendizagem realizadas em espaços e tempos variados [...e] não deverá haver fórmula única”. (TORI, 2010, p. 31). Seja, as diferentes disciplinas exigirão um fazer diferenciado, nas diversas ações educacionais.

Tendo verificado alguns aspectos concernentes ao fenômeno da intersubjetividade e da dialogicidade, abordaremos em seguida aspectos das tecnologias digitais.

3.3. SUBJETIVIDADE E TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EAD

Tecnologias digitais merecem especial atenção neste estudo. Ponderar a respeito implica na reflexão de elementos favorecedores da emergência e realização subjetiva nos ambientes digitais da EAD. Esta seção foi escrita para evidenciar como a subjetividade está inscrita nesse fazer, de maneira extensiva, como é o caso da mediação pedagógica, linguística, midiática, tecnológica, procedimental, atitudinal. Percebemos que a resposta para as possibilidades de realização subjetiva na EAD, provém de múltiplos fatores e agentes.

Na sua tese de livre-docência organizada em livro, Tori versa sobre diversas questões a respeito da convergência midiática diante de uma profusão tecnológica. O autor cita que para evitar excessiva demanda de atenção do aprendiz, uma estratégia importante é tornar algumas interfaces transparentes. (TORI, 2010, p.167)

Quanto à interação entre mídias digitais e seres humanos, Tori destaca que em “200 mil anos não existia nada que agisse ou reagisse socialmente com o ser humano que não fosse outro ser humano.” Por essa razão há uma resposta automática as simulações mediadas, como se fossem da realidade. (TORI, 2010, p. 41); o autor também cita que as pessoas estão habituadas às regras da vida que se organiza em sociedade, e “interagem com as mídias segundo princípios e instintos equivalentes aos empregados em suas relações sociais” (TORI, 2010, p. 45). Além disso, que os indivíduos prezam pela previsibilidade e facilidade nas interações. Dessa forma, as mídias devem reproduz a polidez das relações sociais - reciprocidade, respeito e atenção. Os designers da EaD devem estar atentos quanto a esses dados (TORI, 2010, p. 41- 46).

O autor cita que a “videoconferência se aproxima da situação face a face em ambientes reais [...] Como consequência a tridimensionalidade deve ser buscada no design de interfaces de ambientes de telepresença.” (TORI, 2010, p. 180). Ao longo da evolução, o ser humano sempre foi exposto à tridimensionalidade nos ambientes. Esse fator faz a imersão aos ambientes virtuais 3D natural e instantânea (TORI, 2010, p. 198). As mídias tridimensionais proporcionam instantânea adaptação. Dentre elas, há a realidade virtual, o vídeo *avatar* 3D, videoconferência em ambientes tridimensionais; e a realidade aumentada²². A realidade virtual possibilita, por exemplo, uma “viagem pelos planetas do sistema solar, uma visita à

²² A realidade aumentada mescla elementos reais e virtuais em tempo real, proporcionando interatividade e alinhamento tridimensional entre objetos (TORI, 2010, p.158)

Filadélfia na época da independência americana, um passeio pelo interior do corpo humano, a realização de uma cirurgia de treinamento ou o treinamento prático de operadores de uma plataforma de petróleo que ainda nem foi construída.” (TORI, 2010, p.149). Isso torna os processos de ensino e aprendizagem sobremaneira interessantes.

O autor demonstra como metadados dos objetos de aprendizagem são tratados na padronização e catalogação, visando o seu armazenamento, manutenção e reutilização (TORI, 2010, p. 109 - 128); sugere uma classificação taxonômica da mídia educacional. (TORI, 2010, p. 46); destaca o papel do áudio na imersão sensorial da realidade e lembra como o som tridimensional oferece ilusão espacial, criando sinteticamente sensações; e que a qualidade, com a adoção de microfones direcionais, que se direcionam para a fonte sonora, imprime grande diferença às sensações de presencialidade (TORI, 2010, p. 174; 175; 180).

Tori decompõe fenômenos intangíveis relacionados a esse aspecto e propõe fórmulas para mensurar o potencial de proximidade. Dessa forma, é possível combinar distâncias na EAD, compensando-as. Com esse indicador preciso, designers têm um parâmetro dos potenciais de interatividade para os projetos. (TORI, 2010, p. 87-93). Estudos como o de Tori, oferecem importantes dados para o avanço no entendimento para as questões da EAD.

O artigo intitulado *Escrita Digital e Mediação Pedagógica na Educação a Distância* (SALDANHA; TCHERNE, 2012a) discute a mediação pedagógica como instância que possibilita relações intersubjetivas entre os agentes envolvidos nos processos da EAD. No artigo, em questão a escrita digital, podendo satisfazer a relação intersubjetiva requerida para a ação educativa na EAD. Como forma de compensar a transposição dialógica da modalidade presencial, para os ambientes e relações pessoais na EAD, os autores evidenciam que o diálogo pedagógico intermediado pelas tecnologias da educação “encontra na escrita [...] uma importante mídia capaz de satisfazer a relação intersubjetiva necessária a toda experiência educativa.” (SALDANHA; TCHERNE, 2012a, p. 1). Para os autores:

[...] a dinâmica desejável das aulas presenciais, baseada em metodologias ativas ou em produção de textos orais dialogados, pode ter na escrita digital uma correspondência para se garantir a relação dialógica entre professor e aluno na Educação a Distância (EaD), desde que utilizada como mídia interativa sob forma de diálogo. (SALDANHA; TCHERNE, 2012a, p.4)

Assertam os autores que o diálogo presencial recorrente, é o oral. E que na EAD a interação na mídia escrita em função da virtualidade da presença e de eventuais condições assíncronas, é oportuna. Para Saldanha e Tcherne (2012a, p. 4):

Diante das possibilidades tecnológicas, podemos reconhecer que não é inviável garantir a relação intersubjetiva entre professor e aluno, desde que haja um apropriado uso dos meios. A distância física não comprometeria necessariamente a aprendizagem desde que a comunicação e o diálogo fossem de qualidade e preservados.

Os autores lembram que é preciso preocupação qualitativa, quantitativa e articulatória; que a escrita desenvolve a fluência verbal e a autonomia intelectual. Ademais, dominar a modalidade escrita constitui plataforma para a conquista de uma identidade orientada para a autonomia. (SALDANHA; TCHERNE, 2012a). Além disso, a escrita é um registro recuperável, haja vista que fornece dados do desempenho verbal, inscritos nas produções, permitindo redirecionar a ação docente. O diálogo pedagógico pode se dar a partir de mídias como *blogs, chats, e-mails, fóruns, wikis* em atividades de leitura e de escrita nos meios eletrônicos através da escrita digital. Em decorrência disso, o ajuste de alguns elementos da EAD pode ser preciso. Os autores indicam que a linguagem audiovisual vem mostrando evidências de preponderância nos ambientes digitais, em relação à escrita – dado a ser aferido, dizem os autores. Ademais, os autores salientam que a escrita “torna presente todo um universo de ausências” (SALDANHA; TCHERNE, 2012a, p.7).

Quanto a esse aspecto apontado por Saldanha e Tcherne, dos benefícios da leitura e da escrita digital na relação intersubjetiva e da articulação com outros aspectos da mediação na EAD (SALDANHA; TCHERNE, 2012a), Nascimento corrobora com os autores. Em seu artigo *Reflexões sobre Intersubjetividade na Educação a Distância em seu Caráter Transcendente*, ele enfatiza que a linguagem representa a interação social presencial. Elementos comunicativos veiculam subjetividades, assegurando a apreensão de significados dos dizeres de ausentes. Assim, a interatividade assíncrona na EAD, mediada linguisticamente, midiaticamente e tecnologicamente, é viável. A seleção de recursos midiáticos e pedagógicos na EAD deve ser ponderada pois influencia a dialogicidade. (NASCIMENTO, 2010).

Em seu artigo *A Linguagem nas Teleaulas: Limites e Possibilidades do Diálogo Pedagógico em EaD*, Saldanha discute a possibilidade de relações intersubjetivas através da adição da linguagem verbal escrita e da articulação da teleaula a outras atividades e ambientes da EAD. A teleaula, transmitida em tempo real, representa um recurso importante na transposição didática da modalidade presencial para a EAD. No entanto, é preciso que “o

processo educacional implicado na teleaula instaure também a proximidade efetiva e o diálogo entre seus agentes.” (SALDANHA, 2013a, p. 45).

Saldanha apresenta um modelo de teleaula assim configurada: Nos estúdios, são utilizados lousa digital, computador, veiculação multimidiática do conteúdo; mobilidade espacial delimitada; duas telas - professor e conteúdo; orientações técnicas e imagens dos polos de apoio presencial. A instância da recepção em localização remota, conta com suporte de tutoria presencial e *online*, projetores multimídia e computadores. O material didático é disponibilizado nas mídias impressa e digital. Nas intervenções, os alunos podem participar com questionamentos em tempo real, que são compartilhadas simultaneamente com todos os polos, com recursos audiovisuais e interativos; e através de mensagens escritas – *chats*. (SALDANHA, 2013a)

Segundo Saldanha, o papel da TIC nas teleaulas, “ou na modalidade a distância deve estar subordinado aos fins da educação, à necessidade de se garantir o encontro e o diálogo pedagógico”. O autor salienta os riscos de que a linguagem audiovisual e o desempenho do professor prevaleçam, reduzindo a atuação docente; esse fato, aliado aos riscos da passividade e da dispersão na recepção. (SALDANHA, 2013a, p. 45). Para o autor, a promoção da intersubjetividade e do diálogo pedagógico; assim com a redução do risco de prevalência da linguagem audiovisual, poderiam ser facilitadas ao se

integrar a teleaula a um conjunto de processos pedagógicos consistentes, tornando-a um tempo e uma experiência de ensino-aprendizagem organicamente relacionados com outras ações educacionais, como a mediação de tutores *on-line* e presenciais e as participações mediadas pela escrita nos *chats* e fóruns virtuais. (SALDANHA, 2013a, p. 46).

Saldanha alega que para assegurar a participação ativa através da dialogicidade e da integração da teleaula à linguagem verbal escrita e a outros elementos, “É preciso uma experiência com a linguagem que incorpore elementos da conversação, das narrativas e das reflexões, provocando o diálogo, a interação e a reflexão.” (SALDANHA, 2013a, p. 46). O autor enfatiza que deve haver momentos de leitura e de reelaboração, promovendo a criatividade. Além disso, que as relações intersubjetivas, leitura e escrita digital são importantes na mediação pedagógica dialógica, mas é preciso ir além:

É preciso encontrar o outro, e não apenas conectá-lo; é preciso selecionar e editar criticamente as informações, e não somente acessá-las; é preciso construir o

conhecimento no diálogo com os textos e com a alteridade do Outro, e não apenas buscá-lo. (SALDANHA, 2013a, p.45).

Assim, criticidade, articulação informacional, discussões mediadas de modo intenso são importantes nesse processo. Faz-se essencial aliar a modalidade escrita nos meios eletrônicos à adoção de diferentes recursos dos ambientes dos meios tecnológicos. Desse modo, evitamos incorrer na primazia de uma forma de linguagem, que poderia potencialmente incorrer em desvios de objetivos pedagógicos além de limitar a dialogicidade. Portanto, adotar-se a combinação de linguagens a outros recursos da EAD asseguraria a qualidade dos processos da teleaula. (SALDANHA, 2013a).

Em outro artigo relacionado à teleaula, intitulado em *A Teleaula em Questão*, Saldanha cita ser essencial assegurar possibilidades de presença social e cognitiva, através da interatividade, dinamicidade e contiguidade. Sendo para isso preciso reduzir a exposição em prol de se promover a interação ativa; destaca diferenças entre a aula gravada e a aula transmitida em tempo real. A segunda mais se assemelhando à modalidade presencial, prezando pela interatividade e dinamicidade. (SALDANHA, 2013b)

Segundo o autor, a mediatização e a virtualização da sala de aula, reconfigura a aula no contexto da EAD, requerendo nova ação pedagógica. A ação docente deve despertar e manter o interesse do aluno, levando-o a refletir com profundidade, a problematizar e participar; deve motivar para o autoestudo. No entanto, constitui um desafio para o professor, o de reproduzir um diálogo presencial, quando conduz uma aula mediada tecnologicamente, com sua imagem capturada em tempo real, olhando para uma câmara (SALDANHA, 2013b). O autor sugere que para obter proximidade, o docente tenha mais contato com o grupo com o qual trabalha, através de outras atividades, como a mediação em outros ambientes da EAD. Enfatiza que a “teleaula precisa ser complementada por outros momentos e experiências.” (SALDANHA, 2013b, p. 7). A articulação entre os espaços de interação é necessária, portanto.

Em suma, a problemática que se apresenta concernente à teleaula, é a de que o docente deve promover a presença social e cognitiva, através da interatividade, dinamicidade e de contiguidade; deve reproduzir a dialogicidade tal qual a presencial; no entanto fazê-lo, unicamente, olhando para uma câmara. Esse fato representa uma questão importante para essa instância. O autor sugere a articulação dos espaços e recursos para se poder aproximar a atuação docente, da realidade. Porém, a solução apresentada leva a outra questão, que seria a de o professor da teleaula, ter também um papel na tutoria. Quanto a esse aspecto implicado

na produção da teleaula apontado por Saldanha, Tori sugere “telões com os vídeos dos alunos remotos bem em frente ao professor”, como alternativa de solução (TORI, 2010, p. 174).

Em Saldanha, percebemos a importância da integração intermediária e de diversos recursos, com benefícios resultantes, para a subjetividade. Essa combinação de múltiplas mediações se revela importante para se promover a vitalidade das relações intersubjetivas e dos exercícios da subjetividade.

Outro artigo de Saldanha, *Tutoria, Linguagem e Diálogo Pedagógico na Educação a Distância*, discute a comunicação na mediação pedagógica na EAD na instância da tutoria. O autor problematiza a extensão da função do tutor, com implicações para a intersubjetividade. Em questão, a não contiguidade na mediação na instância dos *chats* e fóruns: “a relação intersubjetiva entre docente, tutor e aluno pode ter na escrita uma possibilidade de realização, tornando viável a mediação pedagógica nos cursos na EAD. (SALDANHA, 2012b, p.1).

Saldanha relata que na mediação pedagógica na EAD estariam “comprometidos o diálogo autêntico, a interação social e a relação intersubjetiva.” (SALDANHA, 2012b, p. 2). Para superação desses fatos, é preciso fomentar a interatividade com qualidade, em todas as instâncias do fazer da educação a distância. Saldanha reforça as “possibilidades de uma presença virtual qualitativa, desdobrada nas ações docentes e de tutoria por meio de novas mídias e de ferramentas digitais.” (SALDANHA, 2012b, p. 3). Empreende observação no diálogo tutorial e salienta que a posição do tutor demanda atuações de ordens diversas: “dentro do contexto das relações entre os sujeitos e os segmentos que compõem o sistema como um todo, deve-se ressaltar a necessidade de se considerar os aspectos didático-pedagógicos, sociais, técnicos e gerenciais da atividade de tutoria na EaD.” (SALDANHA, 2012b, p. 3). Do tutor, são necessários diversos movimentos. Assumimos que seja necessário preparo diferenciado, multidisciplinar, para esse desempenho. Além disso, deve haver preparo para atividades onde se possa trabalhar com a subjetividade de forma mais aprofundada, para favorecer o diálogo fecundo. A ação tutorial tem implicação para se oportunizar relações intersubjetivas a elaboração subjetiva de qualidade. Saldanha adverte sobre o uso dos recursos na EAD, que: “não é inviável garantir a relação intersubjetiva entre professor e aluno ou entre o tutor a distância e os alunos, desde que haja um apropriado uso das mídias e das ferramentas digitais.” (SALDANHA, 2012b, p. 4)

Conforme o autor, a interatividade ativa presencial é possível via mídia escrita, pois o texto escrito “estimula outras relações e diálogos íntimos entre o leitor e seu universo de experiências” (SALDANHA, 2012b, p.4); e a distância entre a produção e leitura não reduziriam a capacidade textual de engendrar sentidos e diálogos. O texto dialoga ativamente

com o leitor. Além disso, é oportunizada a prática da leitura, pois a mediação com a linguagem verbal escrita: “em ambientes virtuais viabiliza o diálogo, a construção do conhecimento e o seu registro. Aciona-se, também, outra atividade fundamental a ser praticada pelo aluno, que é o exercício da leitura.” (SALDANHA, 2012b, p. 6)

Saldanha defende ser “possível estabelecer, tanto por meio de gêneros textuais quanto de linguagens novas, as relações interpessoais no contexto do ciberespaço.” (SALDANHA, 2012b, p. 7). A instituição provedora da EAD pode aperfeiçoar o uso de espaços e de diversas mídias para a promoção de relações intersubjetivas, como por exemplo os *chats* e os fóruns. Em Saldanha:

Os *chats* e os fóruns são dois exemplos de interação por meio da escrita digital [...]. São espaços de discussões e de registros que podem ser retomados, revistos, recuperados e, até certo ponto, suplantam a efemeridade dos argumentos expostos oralmente numa sala de aula presencial. O que há de novo é a predominância da escrita interativa e digital como mediadora do diálogo pedagógico. [...] São, principalmente, nesses momentos e espaços do *chat*, que o tutor entra em contato mais direto com os alunos (SALDANHA, 2012b, p. 8)

No entanto, a reflexão sobre esses ambientes se faz necessária. Nesse sentido, o processo da metacognição pode se revelar um recurso. A metacognição consiste na reflexão sobre o processo mental consciente, é central no ensino-aprendizado: envolve o refinamento e a reelaboração do objeto de criação. Destacamos que os movimentos para a metacognição envolvem num primeiro momento, a articulação – comparação do produto de criação perante outros referenciais; em seguida, a reflexão pontual sobre o objeto promovendo a sua reformulação; e por fim, a submissão do objeto de criação à rearticulação para novas comparações. A reflexão, problematização e a reelaboração devem ser individuais, para em seguida serem submetidas à discussão conjunta. Corroboramos com Saldanha, que julga o processo de reformulação essencial:

Também se pode ressaltar a necessidade da formulação e da reformulação escrita do pensamento, das opiniões e dos conceitos dos alunos participantes de um *chat* como uma forma de se garantir a construção do conhecimento no ambiente virtual. Numa espiral construída pelas reformulações dos alunos e pela mediação do tutor, tem-se a possibilidade de ir além (SALDANHA, 2012b, p. 10)

Para Saldanha, a atuação do tutor precisa estar à frente, “Não se limitando a uma relação individualizada entre tutor e aluno, a atuação do tutor, [...] deve integrar os diversos

alunos nas experiências de diálogo pedagógico em ambientes virtuais.” (SALDANHA, 2012b, p. 10).

Em Saldanha (2012b), a instância tutorial se constituiria de um elo de conexão entre os processos da EAD, através do diálogo pedagógico no AVA, utilizando linguagem verbal escrita dialogada. Contudo, a atuação tutorial se projetaria para a gestão da aprendizagem. Temos que essa instância tem importantes informações a serem reportadas para a orientação do sistema da EAD.

O tutor tem atuações diversas, se projetando para a gestão da aprendizagem; logo, necessita de uma formação mais ampla. O conjunto de questões observadas provindo da instância didático-pedagógica tutorial é essencial, podendo reorientar o sistema, impactando na qualidade. Somente com o diálogo interdisciplinar entre os agentes da EAD se poderá concretizar o aperfeiçoamento nos processos. Verificamos que a dialogicidade necessária no processo educacional se projeta para a coordenação do processo como um todo. Isso, de uma forma mais ampla, acaba por ter implicações para a qualidade das relações intersubjetivas promovidas, incentivando o auto estudo, motivando, promovendo discussões, articulando, e redirecionando questões encontradas no sistema de EAD provido pela instituição.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a investigação a respeito de eventos promotores da subjetividade e de intersubjetividade nos textos que discutem a EAD, finalizamos este estudo, que objetivou observar a caracterização da subjetividade nos textos analisados que discutem a EAD, observando indícios de outros elementos envolvidos. Na atualidade, as tecnologias digitais permitem a conexão entre pensamentos e saberes plurais; convergência tecnológica, midiática, linguística, pedagógica, metodológica que, aliadas à inteligência coletiva: implicam novas perspectivas para a educação. No entanto, a transposição de alguns elementos para o mundo virtual representa complexidade, e é premente a compreensão da subjetividade no contexto da EAD, dada a complexidade envolvida ao tema. Somente com aprofundadas pesquisas, podemos compreender e identificar em que medida os elementos que incidem sobre a elaboração subjetiva individual genuína na EAD.

A partir da noção de subjetividade individual em Gonzáles Rey (1998; 2012) constatamos a subjetividade individual de proveniência que transcende o social; de composição histórica; transdisciplinar, sistêmica, em movimento indivíduo-sociedade (e em todas as suas formas de manifestação em linguagem verbal e não verbal de ambos). Verificamos que se trata de um processo recursivo, em permanente continuidade, com o propósito de superação de contrariedades e objeções, em tentativa de posicionamento com a verdade individual, constituindo uma fonte de novas configurações subjetivas individuais e sociais.

O estudo objetivou observar a caracterização da subjetividade na EAD. Como dado primeiro, evidencia a escassez de eventos de pesquisa no tema proposto. Número esse que atribuímos à complexidade e desafios envolvidos para se produzir cientificidade, nos estudos conduzidos no tema. Destacamos as principais pautas trazidas nos textos científicos no quadro 2:

Pautas	Correspondências
1) Realização subjetiva detectada na presença social na EAD	Estudo conduzido em universidade australiana: Realização subjetiva (perspectiva, agência e intersubjetividade) detectada na presença social na EAD. A sensação de presença social é dinâmica e cumulativa; intensidade, número e frequência alteram sentidos; deve-se prover sensações da forma presencial (KEHRWALD, 2010)
2) Possibilidades e validação dos eventos na EAD em cinco universidades australianas são moldadas pela formação	Modelos existentes e tensões do cotidiano são levados para os ambientes digitais (SALTMARSH; SUTHERLAND-SMITH, 2010)

3)	Múltiplas demandas da EAD	Alteram a atividade e subjetividade docente - requerem resiliência, novas apropriações, criticidade, formação continuada, atuação livre de pressões do cotidiano (MARTINS, 2012)
4)	Maneira como o território do AVA é utilizado	Implica subjetivação para a sujeição ou para a autonomia, com a produção subjetiva individual genuína; aspectos subjetivos detectados: autorreferente, massiva, <i>voyer</i> - em modelo voltado para interesse de políticas públicas - ME SEED UAB, UFBA (SOUZA, 2011; 2013)
5)	Níveis de intersubjetividade	Proposta de que sejam adotados como instrumento de medição de qualidade (HALL, 2011)
6)	Modelo orientado para a intersubjetividade – em Universidade na China	Salienta a importância da apresentação de recursos instrucionais em multimídia, da experiência sensorial e envolvimento da cognição e da emoção (JI <i>et al.</i> , 2012)
7)	A linguagem verbal escrita	Viabiliza interações intersubjetivas assíncronas mediadas na EAD (NASCIMENTO, 2010)
8)	Qualidade das relações intersubjetivas docente-discente impacta nos resultados da EAD	Relação de igualdade, respeito, compreensão, diálogo, livre expressão, confiança, consenso, cooperação e democracia; onde todos aprendem, porque todos têm conhecimentos e habilidades, impactam resultados. (EDUCATIONAL THEORY PAPER, 2011)
9)	Diferentes áreas acadêmicas exigem fazer diferenciado na EAD	Comportamento dialógico entre áreas acadêmicas das Ciências Exatas e Naturais & Humanidades, constatado nas presenças cognitiva, social e de mediação – UA-Israel. (GORSKY <i>et al.</i> , 2010)
10)	Proposição de fórmulas para mensurar e compensar distâncias na EAD – espacial, temporal e interativa	Gestão de objetos de aprendizagem; classificação taxonômica de mídias; semelhanças midiáticas ao cenário de relações sociais; habitualidade humana à tridimensionalidade e o papel do áudio na imersão sensorial da realidade (TORI, 2010)
11)	A teleaula em tempo real	Docente reproduzir o diálogo presencial em aula mediada em tempo real, olhando para uma câmara. O autor sugere mais contato com o grupo em outras atividades e articulação entre espaços de interação. (SALDANHA, 2013 ^a , 2013b)
12)	Risco de domínio da linguagem audiovisual	A adoção da linguagem verbal escrita pode satisfazer relações intersubjetivas na EAD, superando distâncias. Ademais, constitui plataforma para autonomia intelectual. É preciso combinar linguagens. (SALDANHA; TCHERNE, 2012a)
13)	Comunicação na mediação pedagógica na EAD	Problematiza a extensão da atuação tutorial, com implicações para a intersubjetividade (SALDANHA, 2012b). O tutor faz conexão entre processos, tendo movimentos “didático-pedagógicos, sociais, técnicos e gerenciais” (SALDANHA, 2012b, p. 3)
14)	Proposição de gestão tutorial	Proposta de modelo de gestão para a instância tutorial, com fundamento no imaginário dos tutores e alunos (ASSIS, 2007)

Quadro 2 - Pautas Encontradas nos Textos Analisados

Elaborado pela autora deste texto

Os textos científicos demonstram preocupações com a qualidade das ações dialógicas e com diversos aspectos subjetivos, como possibilidades de emergência subjetiva em emergência dialógica. Pudemos observar a formação docente incidindo sobre a inovação na EAD; que a atividade docente é modificada pelas demandas diferenciadas dessa modalidade tecnologicamente mediada; que a maneira de subjetivação promovida no AVA pode visar uma formação para sujeição ou para a autonomia, transpondo determinações encontradas na modalidade presencial para os meios digitais. Estudos também evidenciaram como o comportamento dialógico difere nas diferentes áreas acadêmicas, e como as características

dos relacionamentos influenciam a percepção da presença social. Aspectos como, o fato de as relações sociais serem transferidas para as relações midiáticas, e a habitualidade à tridimensionalidade na realidade, sinalizam a conveniência da adoção desses recursos na EAD. Além disso, um dos estudos evidenciou como a atuação tutorial é extensiva a outras ações para além da mediação pedagógica. Com efeito, esse profissional necessita de formação ampla, e mais especialmente, para o desenvolvimento do trabalho com a subjetividade. Um dos textos, também trouxe a sugestão de um modelo de gestão da instância tutorial, fundamentada no imaginário. De fato, a percepção dos envolvidos nos sistemas da EAD deve ser avaliada, visando-se o aprimoramento dos processos; assim como novas constatações devem ser verificadas. Outros textos trouxeram a percepção de que a qualidade das relações intersubjetivas impacta nos resultados, e que níveis de intersubjetividade poderiam ser adotados como instrumento para aferir qualidade. Um dos estudos evidenciou que a linguagem verbal escrita se apresenta adequada para as relações intersubjetivas assíncronas na EAD e, como a combinação de linguagens, a fim de se evitar a preponderância de uma linguagem em detrimento de outras, é importante; assim como a articulação de recursos, como no caso em que o docente deve reproduzir a dialogicidade presencial na teleaula em tempo real, focando uma câmara. Em suma, pudemos observar como todos esses eventos oferecem influência sobre a emergência subjetiva.

Tendo verificado que a alteridade, é fecunda para a emergência da resposta subjetiva, como discorre Campos (2012), é pertinente que se atribua atenção à dialogicidade nos processos da EAD. No entanto, essa comunicação bidirecional depende de qualidade, quantidade e frequência das relações intersubjetivas, da presença social e cognitiva. Isso constatado, a observância de outros eventos, extensivos à dialogicidade, também adquire importância. Na tentativa de entendimento dessas variáveis que incidem sobre a dialogicidade, discutimo-la de forma intensa. Percebemos que tão importante quanto a dialogicidade é o espaço para a expressão subjetiva, a presença da alteridade e do pensamento diverso - da diversidade; percebemos a incidência de n variáveis, assim como a necessidade de qualidade satisfatória nos demais componentes envolvidos na EAD.

Isso constatado, é possível inferir que há uma interdependência de diversos elementos para oportunizar a subjetividade. Como exemplo, salientamos que não há diálogo satisfatório se a atividade não é significativa, se as colocações não são oportunas e tempestivas; se disponibilizamos materiais menos interessantes; se não exploramos a riqueza midiática, fornecendo conteúdos em diferentes mídias; se não forem oportunizados momentos para a relação intersubjetiva, ou vitalidade nas interações, e se a articulação entre os recursos

não é otimizada; se atividades não tem dialogicidade, se a seleção linguística não favorece, se a mediação não é desafiadora; se não há experiências sensoriais; em suma, se os recursos não são inteligentemente combinados em boa medida, e assim sucessivamente. Logo, observa-se que a dialogicidade - e as realizações subjetivas, se acham ligadas a elementos múltiplos como a mediação pedagógica, tecnológica, linguística e mediática. Consideramos que se a alteridade e o *mal-estar* estão implicados no engendramento subjetivo, há que se compreender a incidência dialética e da diversidade cultural e intelectual nesse sentido, entre outras variáveis.

Nesse percurso, compreendemos que prover educação com oportunidade para a elaboração subjetiva depende de um conjunto de fatores. Temos que o trabalho com a subjetividade, depende desse conjunto de elementos; que a sua realização nos espaços virtuais da EAD implica na integração de aspectos técnicos, pedagógicos, metodológicos, administrativos, procedimentais, entre outros; que esse todo implica a adoção de rotinas, instrumentos, mecanismos, processos. Notadamente, é primordial compreender a interdependência e relacionamentos de elementos; sua articulação em diferentes combinações, sincronização em compasso sinérgico, para se prover excelência para oportunizar a subjetividade genuína. Por conseguinte, assumimos que, para além de elementos isolados, a qualidade satisfatória *do todo* está relacionada à produção subjetiva. Todavia, a avaliação pontual de cada instrumento é imprescindível. Somente com essa aferição podemos estabelecer seleção, combinação e prioridades aos componentes dessa orquestração conjunta.

É preciso assegurar espaço para essa realização, favorecer elementos alinhados nessa direção, promover o desenvolvimento da expressão subjetiva. Sem oportunidades engendradas, sem espaço, sem conscientização da junção de *expertises* nos projetos e execução dos construtos da EAD, o desenvolvimento subjetivo não ocorre. Desse modo, a reprodução da subjetivação para a sujeição ocorre, promovendo a alienação de si, sem percepção perante a força social dominante.

Entendemos que prover espaços para a subjetividade implica educar para a *soberania de si*, para a expressão dessa miríade de matizes de possibilidades essencialmente humanas. Eventos e elementos que promovem o desenvolvimento da expressão da subjetividade devem ser proporcionados. Em suma, reiteramos que a subjetividade é um elemento humano singular e que ela deve ter o seu espaço nos ambientes virtuais da EAD.

Em Keegan, observamos diversas possibilidades de formas de dialogicidade nos recursos didáticos (escrita digital, materiais, atividades, interpessoal), e possibilidades pedagógicas no que concerne a produção subjetiva. No entanto, identificamos que a qualidade

satisfatória, a combinação e articulação entre os recursos mediáticos, tecnológicos, linguísticos, pedagógicos não é menos importante; assim como a necessidade da intervenção de diversas expertises no fazer da EAD nos distintos contextos. É preciso compreender que na EAD, “*estamos em construção*”; que plataformas virtuais operam como *verdadeiros laboratórios*, e que a percepção de novos eventos deve ser valorada e validada. É patente observar que a excelência na qualidade do conjunto impacta na questão subjetiva genuína e que é imprescindível realimentar os construtos com novas constatações, de maneira recursiva.

Assumimos que haja muito para ser compreendido nas diferentes combinações de instrumentos da EAD e, indagamos sobre possibilidades outras para oportunizar a subjetividade nesse contexto, entre os recursos com que conta a EAD.

O aprofundamento de pesquisas relacionadas aos aspectos da subjetividade na EAD, sob influência desses distintos elementos apontados, representa evento premente e fundamental para a EAD, certamente de grande valia. Há que se identificar e avaliar variáveis e relacionamentos, que incidem em formas de *subjetividades digitais* nos espaços virtuais.

Salientamos ainda que, dado o reduzido número de eventos de pesquisa, este tema é pouco abordado no contexto da EAD. Essa falta de atenção ao tema, talvez se deva à complexidade envolvida, ou até mesmo à reprodução de determinações. Esse é um dado que precisa ser verificado. Além disso, sugere-se também a expansão de termos correlacionados à subjetividade na EAD para a busca de textos científicos para além das palavras-chave mencionadas neste trabalho, com vistas à ampliação da pesquisa.

Este trabalho representa apenas uma tentativa de reflexão com respeito ao objeto de estudo. Ressaltamos que face à importância, desafios e complexidade do tema, outras perspectivas devem ser consideradas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo Monte. Sedução, Tradução e Cura. **Ágora** v. III n. 1 jan/jun 2000 97-113. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v3n2/v3n2a06.pdf>> Acesso em: 21/02/2015.

ASSIS, Elisa Maria de. **Gestão do Sistema Tutorial à Luz do Imaginário do Tutor e do Aluno**. Dissertação Mestrado Profissional em Tecnologia de Informação e Comunicação na Formação em EAD. 2007. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC. UNIVERSIDADE NORTE DO PARANÁ – UNOPAR. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2892/1/2007_Dis_EMAssis.pdf> Acesso em 27/01/2015.

BAUDELAIRE. Charles. **Les Fleurs du Mal**. Org. Antoine Adam. Disponível em: < http://www.ac-nice.fr/docazur/IMG/pdf/les_fleurs_du_mal.pdf > Acesso em 03/12/2014.

Cambridge Dictionaries Online. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/>> Acesso em: 10/10/2014.

CAMPOS, Edson Bruno Viana. Os Fundamentos da Constituição Subjetiva segundo Laplanche. **Impulso** (Piracicaba), v. 22, p. 21-34, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/viewFile/569/1075>> Acesso em: 08/10/2014.

DANELON, Marcio. **Intersubjetividade e Educação**: o Estatuto do Olhar nas Relações Educativas. Uma reflexão a partir da fenomenologia existencial de Sartre. In: XXXIII Reunião Anual da Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, 2010, Caxambú. Anais da XXXIII Reunião Anual da Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, 2010. v. 01. p. 01-16. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT17-6668--Int.pdf>> Acesso em: 08/10/2014.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e Subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Tradução de Luiz. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2001.

EDUCATIONAL THEORY PAPER. Intersubjective Perspective for Modern Distance Education in Teacher-Student Relationship Building. **Educational Theory Papers**. 2011. Disponível em: <<http://www.anpaper.com/education/intersubjective-perspective-for-modern-distance-education-in-teacher-student-relationship-building.html> > Acesso em 30/10/2014.

GALLO, Silvio. Subjetividade, Ideologia e Educação. **Perspectiva**. Florianópolis, v.16, n. 2.9, p.133 - 152., jan./jun. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10581/10115>> Acesso em: 08/10/2014.

GERNET, Isabelle. **Theorie de la Seduction Generalisée et Topique du Corps**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 3, p. 383-391, jul./set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n3/a04v17n3.pdf> Acesso em: 21/02/2015.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **La Cuestión de la Subjetividad en un Marco Histórico-cultural**. Universidad de Ia Habana. San Lazaro, La Habana:1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v2n3/v2n3a03.pdf>> Acesso em 04/11/2014.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. O Social como Produção Subjetiva: Superando a Dicotomia Indivíduo–Sociedade numa perspectiva cultural–histórica. **ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**. Vol. 2. Número 2. 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/1023>> Acesso em 03/11/2014.

GONZÁLEZ REY, Fernando; DÍAZ GÓMEZ, Álvaro. **Subjetividad: Una Perspectiva Histórico Cultural. Conversación con el Psicólogo Cubano Fernando González Rey**. Univ. Psychol. Bogotá (Colombia), 4 (3): 373-383, octubre-diciembre de 2005. Disponível em: <<http://sparta.javeriana.edu.co/psicologia/publicaciones/actualizarrevista/archivos/V4N310subjetividad.pdf>> Acesso em 04/11/2014.

GORSKY, Paul *et al.*, The Relationship between Academic Discipline and Dialogic Behavior in Open University Course Forums. **International Review of Research in Open and Distance Learning**. Volume 11, Number 2. May – 2010. Disponível em: <http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/820/1546> Acesso: 30/10/2014.

HALL, Barbara. M. **Digging in: Designs that Develop Intersubjectivity in Course Room Discourse**. Proceedings of the 34th Annual International Convention of the Association for Educational Communications and Technology (Vol. II, p. 384-387). Bloomington, IN: AECT, 2011. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED541074.pdf>> Acesso em 05/11/2014.

JI, Xiaofen; ZHANG, Ying; REN, Xinting. Construct of Web-based Instructional Environment Based on Inter-subjectivity Fusing Cognition with Emotion – Taking the Website Design of the Quality Course Apparel Production and Management for Example. IERI Procedia, Vol. 2, 2012, Pages 234–240. **International Conference on Future Computer Supported Education**, August 22- 23, 2012, Fraser Place Central – Seoul. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212667812000895>> Acesso em 06/11/2014.

KEEGAN, Desmond. **Foundations of Distance Education**. 3 ed. Abingdon, Oxon: Routledge, 1996.

KEEGAN, Desmond. **Reintegration of the Teaching Acts**. In: Keegan, D . Theoretical principles of distance education. London and New York, Routledge. 1993. p. 113-132

KEHRWALD, Benjamin. Being Online: Social Presence as Subjectivity in Online Learning. **In: London Review of Education**, 2010, p. 39-50. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/14748460903557688>> Acesso em: 27/10/2014.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand; (Org.) LAGACHE, Daniel. **Diccionario de Psicoanálisis**. 6ª ed. Paidós: Buenos Aires, Barcelona, México, 2004.

MARTINS, Luís Antônio. Educação a Distância: Implicações na Prática Docente. **Web Revista Discursividade**. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Edição nº 08 - Agosto/2011 - Dezembro/2011. Disponível em: <<http://discursividade.cepad.net.br/EDICOES/08/Arquivos/martins.pdf>> Acesso em: 30/10/2014.

Merriam-Webster Dictionary. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/subjectivity>> Acesso em: 20/10/2014.

Michaelis Dicionário de Português Online. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=subjetiva%E7%E3o>> Acesso em: 21/12/2014.

NASCIMENTO, Ruben de Oliveira. **Reflexões sobre Intersubjetividade na Educação a Distância em seu Caráter Transcendente**. Uberlândia - MG, 2010. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010192823.pdf>> Acesso em 30/10/2014.

NMC Horizon Report - 2014 Higher Education Edition. Evolution of Online Learning. (p. 18-19). Disponível em: <<http://www.nmc.org/pdf/2014-nmc-horizon-report-he-EN.pdf>> Acesso em 10/01/2015.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório Rio+20 o Modelo Brasileiro**. In: Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: MERE. 2012. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/relatorio-rio20>>. Acesso em: 24/10/2014.

Oxford Dictionaries. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/us/definition/american_english/dialectic> Acesso em 04/12/2014.

SALDANHA, Luís C. D. A linguagem nas Teleaulas: Limites e Possibilidades do Diálogo Pedagógico em EaD. **Impulso, Piracicaba** 23 (57), p. 41-47, maio.set. 2013a. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/viewArticle/1751>> Acesso em: 16/10/2014.

SALDANHA, Luís C. D. A Teleaula em Questão. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.2, n.2, 2013b. Disponível em: <<http://seer.canoas.ifrs.edu.br/seer/index.php/tear/article/download/139/66>> Acesso em: 16/10/2014.

SALDANHA, Luís C. D.; TSCHERNE Milca. Escrita Digital e Mediação Pedagógica na Educação a Distância. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.1, n.2, 2012a. Disponível em: <seer.canoas.ifrs.edu.br/seer/index.php/tear/article/download/33/35> Acesso em: 16/10/2014.

SALDANHA, Luís C. D. **Tutoria, Linguagem e Diálogo Pedagógico na Educação a Distância**. SIED – Simpósio Internacional e Educação a Distância. EnPED – Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. 10 a 22 de setembro de 2012b. Disponível em: <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/article/view/260>> Acesso em: 16/10/2014.

SALTMARSH, Sue; SUTHERLAND-SMITH, Wendy. S(t)imulating Learning: Pedagogy, Subjectivity and Teacher Education in Online Environments. **In: London Review of Education**, 2010. p. 15-24. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/14748460903557613>> Acesso em: 27/10/2014.

SILVA, Rosângela Garcia da. **Desafios para a Implementação de Cursos de Pós-graduação *Stricto Sensu* na Modalidade da Educação a Distância no Brasil**. 2014a. Monografia (Especialização) – Pós-graduação em Educação a Distância, Centro Universitário Uniseb Interativo Coc. 2014a

SILVA, Rosângela Garcia da. **Redes Públicas de Cooperação em Ambientes Federativos e a Orientação Acadêmica na Educação a Distância**. 2014b. Monografia (Especialização) – Pós-graduação em Gestão Pública, Universidade Federal do Paraná. Coordenação de Integração de Políticas Públicas de Educação a Distância. Curitiba, 2014b.

SOUSA, Ronald de. Twelve Varieties of Subjectivity: Dividing in Hopes of Conquest. University of Toronto, 2002. In: **Knowledge, Language, and Representation Proceedings of ICCS Conference**, San Sebastian, Spain, May 15 1999, ed. J. M. Larrazabal and L. A. Pérez Miranda, Kluwer 2002. Disponível em: <<http://homes.chass.utoronto.ca/~sousa/subjectivity.html>> Acesso em: 27/10/2014.

SOUZA, Elmara Pereira de. **Dispositivos de Produção de Subjetividade em Ambiente Virtual de Aprendizagem**: Formação de Professores de Curso Online. Salvador. 2011
Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/34.pdf>>. Acesso 30/10/2014.

SOUZA, Elmara Pereira de. **Ambiente Virtual de Aprendizagem**: Dispositivo de Produção de Subjetividade. 2013. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2013/cd/24.pdf>> Acesso em: 30/10/2014.

TAVARES, Pedro Heliodoro. **As “Derivas” de um Conceito em suas Traduções**: o caso do Trieb Freudiano. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n(50.2): 379-392, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v50n2/09.pdf>> Acesso em: 21/02/2015.

TAVARES, Pedro Heliodoro. Flusser com Freud: Tradução, Sujeito e Cultura. In: **Pandaemonium**, São Paulo, v. 17, n. 23, Jun. /2014, p. 223-239. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/article/viewFile/84046/86884>>. Acesso em 04/12/2014.

TYE, Michael, "Qualia", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2013 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/fall2013/entries/qualia/> Acesso em 19/02/2015.

TORI, Romero. **Educação sem Distância** – As Tecnologias Interativas na Redução de Distâncias em Ensino e Aprendizagem. Escola do Futuro – USP - Universidade de São Paulo. Senac: São Paulo, 2010.